

I Colóquio de Literatura Madeirense

Direção Regional dos Arquivos, das
Bibliotecas e do Livro e CMF/ TMBD

Livro de Resumos

31 março

Teatro Municipal
Baltazar Dias
9h30 - 18h

1 e 5 abril

Arquivo e Biblioteca
da Madeira
9h30 - 18h

feira^{51ª}
do
livro
funchal.pt

TMBD
TEATRO MUNICIPAL
BALTAZAR DIAS

COLÓQUIOS
Literatura Madeirense



Secretaria Regional
de Economia, Turismo e Cultura
Direção Regional dos
Arquivos, das Bibliotecas e do Livro



I Colóquio

LITERATURA MADEIRENSE

31 de março de 2025

Teatro Municipal de Baltazar Dias

1 e 5 de abril de 2025

Arquivo e Biblioteca da Madeira

Livro de Resumos

Departamento de Cultura do Funchal
Câmara Municipal do Funchal

Direção Regional dos Arquivos, das Bibliotecas e do Livro
Secretaria Regional de Economia, Turismo e Cultura

Ficha técnica

Edição:

Departamento de Cultura do Funchal / Câmara Municipal do Funchal
Direção Regional dos Arquivos, das Bibliotecas e do Livro / Secretaria Regional de
Economia, Turismo e Cultura

Seleção e organização de informação:

Ana Salgueiro (DRABL)

Revisão de texto:

Andreia de Sousa (DRABL)
Natércia Gouveia (DRABL)

Design gráfico:

Juan Abreu (CMF)

2025

Índice

05 Colóquios LITERATURA MADEIRENSE

07 Instituições de Acolhimento:

Teatro Municipal de Baltazar Dias (TMBD)

Direção Regional dos Arquivos das Bibliotecas e do Livro (DRABL)

09 Comissão Científica

10 Comissão Organizadora

11 Programa

15 Conferências Plenárias (resumos e notas curriculares)

Abertura: “A atualidade de Camões”, José Augusto Cardoso BERNARDES

Encerramento: “A Ilha Fatal: entre Edmundo e Herberto”, Amândio REIS

17 Comunicações (resumos e notas curriculares)

17 Ana Isabel MONIZ e Celina MARTINS | “A poesia de José Agostinho Baptista: elegia, viagem e intertextualidade”

18 Ana SALGUEIRO | “*Além-Mar* de 1917 ou a (im)possibilidade épica na modernidade de Cabral do Nascimento”

20 Aurelio Vargas DÍAZ-TOLEDO | “Tristão Gomes de Castro, autor madeirense do século XVI”

21 Cátia Vieira PESTANA | “Cosmopolitismo e viagem no *Diário* de Luzia: lugares de bulício e solidão”

23 Diogo MARQUES e Inês CARDOSO | “RETRATO[S] DE FAMÍLIA: reler, escreler, retextualizar António Aragão”

24 Duarte Drummond BRAGA | “Orientalismo e egiptofilia em Albino de Meneses”

26 Francisco TOPA | “Entre a ‘raça dos tiranos’, os ‘fiéis ingleses’ e a ‘existência da mísera consorte’: dois conjuntos de inéditos de Medina e Vasconcelos”

27 Leonor Martins COELHO | “Geografias literárias e representações das ilhas na escrita de Irene Lucília Andrade”

28 Luísa Antunes PAOLINELLI | “Para uma História Global da Literatura da Madeira”

29 Maria Teresa NASCIMENTO | “A *Insulana*, de Manuel Tomás e a retórica da citação”

30 Naidea Nunes NUNES | “Estudo linguístico-etnográfico do Havai madeirense nos textos literários de Elma Tranquada Cabral (1909-2011): música, comida e outras tradições familiares”

32 Paulo Miguel RODRIGUES | “História, historiadores e historiografia madeirense (1821-1941): propostas de leitura e investigação na construção de uma identidade”

32 Pedro MENESES | “«Fundo e completo de uma só vez»: desejo e poesia em Herberto Helder”;

34 Raquel GONÇALVES | “Herberto Helder: bicicletas e ilhas - geografias e mecanismo de uma construção poética”

35 Romeu CURTO | “Os livros de Luzia: uma revisitação performativa da obra literária através da música”

36 Rui Guilherme SILVA | “Os arquipélagos da fortuna crítica e o caso de José Agostinho Baptista”

38 Sílvia GOMES | “Contributo(s) de Alfredo Freitas Branco para uma História Literária da Madeira”

39 Sofia ANDRADE | “O *mel sem abelhas*: testemunho avesso da história insular”

40 Susana CALDEIRA | “A obra literária de Eugénia Rego Pereira: entre género e identidade”

41 Tiago CARVALHO | “Para uma hermenêutica estética da paisagem em Raul Brandão e Miguel Torga: apontamentos insulares”

43 Vítor Paulo TEIXEIRA | “Luzia e Mansfield. A diarística e a epistolografia das *irmãs livres*”

45 **Oficina de Pesquisa e Planificação de Trabalho no Fundo Local do ABM** orientada pelos Serviços Educativos do ABM

46 **Informações Úteis**

Locais de Acolhimento

Outros Contactos

Colóquios LITERATURA MADEIRENSE

Apresentação do Projeto

"L'espace littéraire n'est pas une structure immuable, figée une fois pour toutes dans ses hiérarchies et ses relations univoques de domination [...] il est le lieu de luttes incessantes, de contestations de l'autorité et de la légitimité, [...] qui parviennent à modifier les rapports de force et à bouleverser les hiérarchies [...], la littérature est une sorte de création à la fois irréductiblement singulière et pourtant inéluctablement collective, de tous ceux que ont créé, réinventé ou se sont réapproprié l'ensemble des solutions disponibles pour changer l'ordre du monde littéraire [...]. La structure inégale qui organise l'univers littéraire oppose donc les "grands" aux "petits" espaces littéraires [...]. Seul l'oecuménisme qui préside à la représentation universaliste de la littérature empêche la critique centrale d'apercevoir et de comprendre les difficultés [...] de ces écrivains, lucides [...] sur leur position fragile et marginale, et qui souffrent à la fois d'appartenir à une nation peu reconnue littérairement et de ne pas être perçus comme tels [...]. La petitesse, la pauvreté, le «retard», la marginalité de ces univers littéraires rendent les écrivains [et leurs cultures] qui en sont membres proprement invisibles, imperceptibles"

CASANOVA, Pascale (2008 [1999]), "Les petites littératures",
La République mondiale des Lettres, pp. 253-262

A Direção Regional dos Arquivos, das Bibliotecas e do Livro (DRABL) e o Departamento de Cultura da Câmara Municipal do Funchal (CMF), em parceria, iniciaram em 2024 o projeto *Colóquios LITERATURA MADEIRENSE*, cuja primeira edição tem lugar no Funchal, nos dias 31 de março e 1 e 5 de abril de 2025.

Na senda de anteriores iniciativas levadas a cabo desde o início do século XX por diversos autores, grupos e/ou instituições (tertúlias, publicações, encontros académicos, projetos editoriais, livreiros, educativos, de investigação, etc.), os *Colóquios LITERATURA MADEIRENSE* tomam esta literatura como objeto de estudo, de discussão crítica e de divulgação, convidando a (re)pensá-la quer enquanto repertório textual que pode ser reconhecido como madeirense (repertório que, em alguns casos, já se encontra patrimonializado); quer enquanto sistema literário autónomo, mas inscrito nos (polis)sistemas literários português e lusófono.

Na verdade, trata-se de uma literatura que, apesar de insular e de ao longo do século XX ter sido fortemente dominada pelo regionalismo literário (como, de resto, aconteceu em outras comunidades regionais em processo de afirmação/legitimação política e identitária), não viveu/vive arredada da *República Mundial das Letras*, para recuperarmos, aqui, o conceito de Pascale Casanova (2008), numa obra em que se ocupou de, entre outras questões, a condição de perifericidade das designadas *literaturas menores*, na relação que estas mantêm com outras literaturas consideradas *maiores* (porque detentoras de maior poder e protagonismo) no contexto literário e cultural internacional.

Um olhar retrospectivo atento, com um enfoque de conjunto e no longo prazo, permite-nos reconhecer, na Madeira, uma histórica convivência entre diversas abordagens ao

fenómeno literário (tendências por vezes conflitantes), que oscilam entre um maior autocentramento nas realidades e problemáticas do arquipélago, privilegiadas, nestes casos, como universos referenciais e temáticas literárias nucleares; e uma reflexão autocrítica (estética, conceptual, temática, político-cultural) que procura o diálogo, a colaboração, mas também o afastamento e a questionação com o sistema literário nacional, assim como com outras literaturas e expressões artísticas. Portanto, abordagens plurais que os *Colóquios LITERATURA MADEIRENSE* querem (re)descobrir, suscitando sobre elas novos debates e uma mais ampla divulgação, de modo a contribuírem para a construção de um conhecimento mais profundo e atualizado do sistema literário insular.

+ Info. : abm.madeira.gov.pt/coloquios-literatura-madeirense/

Instituições de Acolhimento

31.03.2025

Teatro Municipal de Baltazar Dias (TMBD)

Após a demolição do Teatro Grande, em 1833, os madeirenses começaram a reivindicar a construção de um novo teatro na cidade do Funchal.

No dia 9 de fevereiro de 1882, a Câmara Municipal do Funchal tomou finalmente a decisão de edificar um teatro no terreno do antigo e extinto mercado de São João. O projeto do arquiteto português Tomás Augusto Soler foi o escolhido. No entanto, com a sua morte precoce, em 1883, o projeto foi entregue ao seu conterrâneo José Macedo de Araújo Júnior, embora não seja conhecido se existiram alterações em relação ao projeto inicial. O teatro segue o modelo tipicamente italiano, seguindo o protótipo do Teatro de São Carlos em Lisboa e do Teatro La Scala em Milão.

João Sauvaire da Câmara, enquanto presidente da cidade, iniciou as obras de construção do novo Teatro, tendo o ato simbólico do lançamento da primeira pedra ocorrido a 24 de outubro de 1884, contando com a presença de muito público e de três bandas musicais que se associaram ao feito, atuando no Jardim Municipal.

Para ajudar na construção, que exigia competência e profissionais especializados, foi necessário contratar o Mestre-de-Obras Manuel Francisco Pereira. O arquiteto e cenógrafo Italiano Luigi Manini, acompanhado pelo português Eugénio Cotrim, ficaram encarregues das decorações e cenografias.

A 29 de julho de 1887 foram dados por concluídos os trabalhos de construção do novo teatro. Houve então um primeiro contacto com o público, e a cidade compareceu entusiasta e em peso. O teatro só viria a ser inaugurado oficialmente a 11 de março de 1888, com a exibição da zarzuela *Las dos Princesas*, da companhia espanhola de José Zamorano, vinda das vizinhas Canárias.

A denominação do teatro sofreu, na sua fase inicial, algumas modificações. Primeiramente, como forma de homenagem à rainha, decidiu dar-se o nome de “D. Maria Pia” ao teatro. Em consequência dos acontecimentos da revolução Republicana, a Câmara Municipal entendeu que o nome da rainha já não era harmonizável com o novo regime, tendo alterado a sua designação, em novembro de 1910, para teatro “Dr. Manuel de Arriaga”. A atribuição deste nome justificava-se como homenagem ao primeiro presidente eleito da República Portuguesa, que fora também deputado eleito pelo Funchal. Porém, Manuel Arriaga incomodado com o gesto de homenagem que considerou excessivo, recusou a atribuição do seu nome ao teatro municipal do Funchal. Assim, a partir de 12 de janeiro de 1912, o teatro passou a chamar-se “Teatro Funchalense”. O volte-face na sua denominação, deu-se aquando da morte de Manuel de Arriaga, em 1917, tendo o seu nome surgido novamente no teatro.

Decorria o ano de 1935, quando a câmara, presidida pelo Dr. Fernão de Ornelas decidiu mudar o nome para Baltazar Dias, em homenagem ao grande dramaturgo e poeta cego, nascido na Madeira, e referência incontornável do panorama teatral português. O nome

mantém-se até aos dias de hoje, num espaço que, desde a sua inauguração, tem vindo a presentear a capital madeirense com a sua beleza arquitetónica e com atividades e espetáculos que o tornam no maior marco de vivência cultural da Madeira.

(adaptado de: teatrobaltazardias.funchal.pt/historia/)

01.04.2025 e 05.04.2025

Direção Regional dos Arquivos, das Bibliotecas e do Livro Arquivo e Biblioteca da Madeira (ABM)

A Direção Regional dos Arquivos, das Bibliotecas e do Livro é um serviço executivo da Secretaria Regional de Economia Turismo e Cultura, que tem por missão a salvaguarda e a divulgação do património documental e bibliográfico da Região Autónoma da Madeira, assegurar a memória contínua da sua Administração, incentivar a difusão do livro e da leitura, promover o conhecimento e a investigação científica da história da Região no quadro do espaço atlântico.

O edifício do Arquivo e Biblioteca da Madeira (ABM), que acolhe este evento, é o espaço público de fruição do acervo e serviços no âmbito dos arquivos e das bibliotecas.

O acervo arquivístico, diversificado e de grande interesse para o estudo da história e cultura atlântica portuguesas, remonta ao século XV e ao povoamento insular. Engloba arquivos de instituições públicas e privadas deste arquipélago, bem como de famílias e personalidades.

O acervo bibliográfico reúne mais de 700 mil espécies bibliográficas, com um crescimento médio de 10%. A coleção tem um carácter universalista e generalista típico de uma biblioteca pública, versando os domínios das ciências sociais, biologia, arte, história, religião, geografia, informática, literatura, psicologia, entre muitos outros. Esse aspeto multifacetado e também contemporâneo é potenciado pelo facto de a Biblioteca ser beneficiária do Depósito Legal.

Promover uma democracia inclusiva da memória e uma cidadania participativa baseada na informação, na cultura e no conhecimento é a visão desta instituição.

Comissão Científica

Ana Cristina Joaquim (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas. Brasil)

Ana Isabel Moniz (Faculdade de Artes e Humanidades/Universidade da Madeira, Centro de Estudos Comparatistas/Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa/FLUP. Portugal)

Aurelio Vargas Díaz-Toledo (Facultad de Filologia/Universidad Complutense de Madrid. Espanha)

Bernardo Vasconcelos (Faculdade de Artes e Humanidades/Universidade da Madeira. Portugal)

Carlos Nogueira Fino (Faculdade de Ciências Sociais/Universidade da Madeira, Centro de Investigação em Educação/Universidade da Madeira. Portugal)

Diogo Marques (Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa/Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Centre for Digital Culture and Innovation/Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Portugal)

Inês Cardoso (Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa/Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Portugal)

Isabel Santa Clara (Faculdade de Artes e Humanidades/Universidade da Madeira, Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais/Universidade da Madeira. Portugal)

Jerónimo Pizarro (Universidad de Los Andes. Colômbia)

Leonor Martins Coelho (Faculdade de Artes e Humanidades/Universidade da Madeira, Centro de Estudos Comparatistas/Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Portugal)

Luísa Antunes Paolinelli (Faculdade de Artes e Humanidades/Universidade da Madeira, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias/Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Portugal)

Maria Teresa Nascimento (Faculdade de Artes e Humanidades/Universidade da Madeira, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos. Portugal)

Naidea Nunes Nunes (Faculdade de Artes e Humanidades/Universidade da Madeira, Centro de Linguística/Universidade de Lisboa, Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais/Universidade da Madeira, Centro de Investigação, Desenvolvimento e Inovação em Turismo. Portugal)

Nelson Veríssimo (Faculdade de Ciências Sociais/Universidade da Madeira, Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais/Universidade da Madeira. Portugal)

Nuno Marques (KTH Environmental Humanities Laboratory. Suécia)

Paulo Miguel Rodrigues (Faculdade de Artes e Humanidades/Universidade da Madeira, Centro História, Territórios e Comunidades/NOVA FCSH, Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais/Universidade da Madeira, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos. Portugal)

Rui Guilherme Silva (Centro de Literatura Portuguesa/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais/Universidade da Madeira. Portugal)

Comissão Organizadora

Ana Salgueiro (Direção Regional dos Arquivos , das Bibliotecas e do Livro), coord.

Andreia de Sousa (Direção Regional dos Arquivos, das Bibliotecas e do Livro)

Catarina Faria (Departamento de Cultura da Câmara Municipal do Funchal)

Maria Lúcia Gama (CMF) (Departamento de Cultura da Câmara Municipal do Funchal)

Natércia Gouveia (Direção Regional dos Arquivos , das Bibliotecas e do Livro)

Programa

Segunda feira, 31.03.2024

Teatro Municipal de Baltazar Dias | Salão Nobre

09:00 / 09:30 - Acolhimento e registo

09:30 / 10:00 - Sessão de abertura

10:00 / 11:00 - Conferência plenária de abertura [Moderação: NUNO MOTA]

JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES | **“A atualidade de Camões”**

(Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Comissão para as Comemorações do Quinto Centenário de Luís de Camões)

11:00 / 11:30 - Intervalo

11:30 / 12:50 - Painel I. Diálogos de autores madeirenses com Luiz de Camões

[Moderação: SUSANA CALDEIRA]

11:30 / 11:50 - AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO | **“Tristão Gomes de Castro, autor madeirense do século XVI”** (Universidad Complutense de Madrid)

11:50 / 12:10 - TERESA NASCIMENTO | **“A *Insulana*, de Manuel Tomás e a retórica da Citação** (Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira; Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos)

12:10 / 12:30 - ANA SALGUEIRO | **“*Além-Mar de 1917* ou a (im)possibilidade épica na modernidade de Cabral do Nascimento”** (Direção Regional dos Arquivos, das Bibliotecas e do Livro; Centro de Estudos de Comunicação e Cultura - Universidade Católica Portuguesa)

12:30 / 12:50 - Debate

12:50 / 14:15 - Almoço

14:15 / 15:35 - Painel II. Modernismos e autoras/es madeirenses

[Moderação: LUÍSA ANTUNES PAOLINELLI]

14:15 / 14:35 - DUARTE DRUMOND BRAGA | **“Orientalismo e egiptofilia em Albino de Meneses”** (Centro de Estudos Comparatistas - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

14:35 / 14:55 - VÍTOR PAULO TEIXEIRA | **“Luzia e Mansfield. A diarística e a epistolografia das *irmãs livres*”** (Associação para o Desenvolvimento dos Estudos Globais e Insulares; Secretaria Regional de Educação, Ciência e Tecnologia)

14:55 / 15:15 - CÁTIA VIEIRA PESTANA | **“Cosmopolitismo e viagem no *Diário de Luzia: lugares de bulício e solidão*** (Direção Regional dos Arquivos, das Bibliotecas e do Livro; Associação para o Desenvolvimento dos Estudos Globais e Insulares; Centro de Estudos Globais - Universidade Aberta)

15:15 / 15:35 - Debate

15:35 / 16:00 - Intervalo

16:00 / 18:10 - Painel III. Revisão da História Literária Madeirense

[Moderação: BRUNO COSTA]

16:00 / 16:20 - FRANCISCO TOPA | **“Entre a ‘raça dos tiranos’, os ‘fiéis ingleses’ e a ‘existência da mísera consorte’: dois conjuntos de inéditos de Medina e Vasconcelos”** (Faculdade de Letras da Universidade do Porto; Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória - Universidade do Porto)

16:20 / 16:40 - PAULO MIGUEL RODRIGUES | **“História, historiadores e historiografia madeirense (1821-1941): propostas de leitura e investigação na construção de uma identidade”** (Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira; Centro História, Territórios e Comunidades - Universidade Nova de Lisboa; Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais - Universidade da Madeira)

16:40 / 17:00 - SÍLVIA GOMES | **“Contributo(s) de Alfredo Freitas Branco para uma História Literária da Madeira”** (Centro de Estudos Comparatistas - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

17:00 / 17:20 - LUÍSA ANTUNES PAOLINELLI | **“Para uma História Global da Literatura da Madeira”** (Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira; Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias - Universidade de Lisboa, Associação para o Desenvolvimento dos Estudos Globais e Insulares)

17:20 / 18:00 - Debate

Terça feira, 01.04.2024

Arquivo e Biblioteca da Madeira | Auditório

09:30 / 10:20 - Painel IV. Releituras contemporâneas e intersemióticas de literatura madeirense [Moderação: ISABEL SANTA CLARA]

09:30 / 09:50 - ROMEU CURTO | **“Os livros de Luzia: uma revisitação performativa da obra literária através da música”** (Faculdade de Ciências Sociais - Universidade da Madeira)

09:50 / 10:10 - DIOGO MARQUES e INÊS CARDOSO | **“RETRATO[S] DE FAMÍLIA: reler, escrever, retextualizar António Aragão”** (Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa - Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

10:10 / 10:20 - Debate

10:20 / 10:50 - Intervalo

10:50 / 12:20 - Painel V. Mundos literários pela mão de escritoras madeirenses

[Moderação: BERNARDO VASCONCELOS]

10:50 / 11:10 - SUSANA CALDEIRA | **“A obra literária de Eugénia Rego Pereira: entre género e identidade”** (Centro de Estudos de História do Atlântico - Direção Regional dos Arquivos, das Bibliotecas e do Livro)

11:10 / 11:30 - NAIDEA NUNES NUNES | **“Estudo linguístico-etnográfico do Havai madeirense nos textos literários de Elma Tranquada Cabral (1909-2011): música, comida e outras tradições familiares** (Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira; Centro de Linguística - Universidade de Lisboa; Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais - Universidade da Madeira; Centro de Investigação, Desenvolvimento e Inovação em Turismo – polo da Universidade da Madeira)

11:30 / 11:50 - SOFIA ANDRADE | **“O mel sem abelhas: testemunho avesso da história insular”** (Universidade de Génova; Centro de Estudos Comparatistas - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; Fundação Malatesta - Literatura Comparada)

11:50 / 12:20 - Debate

12:20 / 13:30 - Almoço

13:30 / 15:30 - Painel VI. Herberto Helder e José Agostinho Baptista: dois autores madeirenses do mundo [Moderação: INÊS CARDOSO]

13:30 / 13:50 - PEDRO MENESES | **“«Fundo e completo de uma só vez»: desejo e taciturnidade no último Herberto Helder”** (Instituto Politécnico de Viana do Castelo; Universidade do Minho; Centro de Estudos Humanísticos - Universidade do Minho)

13:50 / 14:10 - RAQUEL GONÇALVES | **“Herberto Helder: bicicletas e ilhas - geografias e mecanismos de uma construção poética”** (Centro de Literatura Portuguesa - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra)

14:10 / 14:30 - ANA ISABEL MONIZ e CELINA MARTINS | **“A poesia de José Agostinho Baptista: elegia, viagem e intertextualidade”** (Faculdade de Artes e Humanidades - Universidade da Madeira; Centro de Estudos Comparatistas - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

14:30/14:50 - RUI GUILHERME SILVA | **“Os arquipélagos da fortuna crítica e o caso de José Agostinho Baptista”** (Centro de Literatura Portuguesa - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais - Universidade da Madeira)

14:50 / 15:30 - Debate

15:30 / 16:00 - Intervalo

16:00 / 17:00 - Painel VII. Paisagens literárias insulares
[Moderação: MARTINHO MENDES]

16:00 / 16:20 - TIAGO CARVALHO | **“Para uma hermenêutica estética da paisagem em Raul Brandão e Miguel Torga: apontamentos insulares** (Instituto de Filosofia - Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

16:20 / 16:40 - LEONOR MARTINS COELHO | **“Geografias literárias e representações das ilhas na escrita de Irene Lucília Andrade”** (Faculdade de Artes e Humanidades - Universidade da Madeira; Centro de Estudos Comparatistas - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

16:40 / 17:00 - Debate

17:00 / 18:00 - Conferência Plenária [Moderação: ANA ISABEL MONIZ]

AMÂNDIO REIS | “**A Ilha Fatal: entre Edmundo e Herberto**” (Faculdade de Letras -
Universidade de Lisboa)

18:00 - Sessão de encerramento

Sábado, 05.04.2025

Arquivo e Biblioteca da Madeira
Sala de Leitura Geral

09:30 / 13: 00 - Oficina de Pesquisa e Planificação de Trabalho no Fundo Local do ABM
orientada pelos Serviços Educativos do ABM

Conferências Plenárias

(resumos e notas curriculares)

CONFERÊNCIA DE ABERTURA:

A atualidade de Camões

José Augusto Cardoso BERNARDES

Resumo: A memória de uma figura e de uma obra que datam de há cinco séculos justifica indagação cuidada. Em que pode consistir a atualidade de Camões nos nossos dias? Em que se distingue essa atualidade daquela que foi celebrada no passado? Como justificar que essa memória se mantenha, de forma intensa e continuada, para além de todas as conjunturas políticas e de todas as variações estéticas?

Na tentativa de resposta a estas perguntas, serão tidas em conta as circunstâncias que assinalam o nosso tempo e o próprio rumo das comemorações em curso.

Bibliografia: __

Nota Curricular:

José Augusto Cardoso Bernardes é Professor na Faculdade de Letras de Coimbra, onde rege cadeiras de Literatura Portuguesa do Renascimento e Ensino da Literatura. Do conjunto dos livros que publicou destacam-se *História Crítica da Literatura Portuguesa* (Humanismo e Renascimento, 1999), *A Literatura e o ensino do português* (com Rui Afonso Mateus), 2009, *A Oficina de Camões. Apontamentos sobre Os Lusíadas* (2022) e *A Oficina de Gil Vicente. Apontamentos sobre a Compilação* (2023). Foi codiretor de *Biblos. Enciclopédia das Literaturas de Língua Portuguesa* (1995-2005) e Diretor da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (2011-2018). Atualmente é Comissário-geral para as comemorações dos 500 anos do nascimento de Luís de Camões.

CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO:

A Ilha Fatal: entre Edmundo e Herberto

Amândio REIS

Resumo: Em *Dois Sóis, A Rosa: arquitetura do mundo* (1990), Manuel Gusmão fala de uma “ilha fatal” para onde o leitor é transportado na viagem que tem de empreender pelo texto e com o texto. Através desta imagem (e miragem) insular, Gusmão demarca um espaço-tempo propriamente literário, no qual faz convergir os actos de escrita e de leitura com vista à materialização “[d]aquele furioso livro em que tu (e eu?) partes para longes terras” (p.37). Esta conferência tomará a ideia anterior como pedra-de-toque para a exploração do *topos* insular nas obras de Edmundo de Bettencourt e Herberto Helder. Se no pensamento de Gusmão a “ilha” corresponde a um lugar fundamentalmente utópico, em que “talvez o longe seja ainda aqui” (p.37), na escrita destes poetas de gerações diferentes — ambos nascidos na cidade do

Funchal, em 1899 e 1930, respectivamente —, ela reveste-se também de uma inevitável dimensão biográfica cuja concretização mais evidente talvez possamos encontrar no texto em prosa que serve de introdução a *Servidões* (2013), um dos últimos títulos de Herberto, no qual o autor se vê de regresso à “ilha onde nasceu” (p.16). Não obstante, uma leitura comparada de Edmundo e Herberto mostra que, longe de constituir um referente estável, a ilha surge nas suas obras como espaço indeterminado e espaço de indeterminação. Ao contrário de domesticar biograficamente aquela antiga noção da poesia — a que Gusmão alude — enquanto lugar abstracto e mundo insulado, à parte, os dois autores operam um reenvio e uma metamorfose entre a *ilha da vida* e a *ilha da poesia*. Deste modo, abstractizam um elemento que poderíamos, num primeiro olhar, entender como literalmente, e não literariamente, biográfico. Como ler, então, um marco que se insinua, mais do que se consubstancia, no mapa destas escritas? Que sentidos adquire o termo “fatal” associado à ilha literária? Quais são as linhas de continuidade que, em torno deste tópico, se traçam entre duas poéticas tão distintas? Estas são algumas das questões a que se tentará responder por meio de uma leitura relacional de poemas seleccionados de Edmundo de Bettencourt e de contos de *Os Passos em Volta*, de Herberto Helder.

Bibliografia:

- BETTENCOURT, Edmundo de (1963), *Poemas*, Lisboa: Portugalia.
- GUSMÃO, Manuel (1990), *Dois Sóis, A Rosa: arquitectura do mundo*, Lisboa: Caminho.
- HELDER, Herberto (2014), *Os Passos em Volta*, Porto: Assírio & Alvim.
- HELDER, Herberto (2013), *Servidões*, Porto: Assírio & Alvim.
- MARINHO, Maria de Fátima (1982), *Herberto Helder: a obra e o homem*, Lisboa: Arcádia.
- SEIXO, Maria Alzira (1999), “O Canto Isolado de Edmundo de Bettencourt”, *Veredas*, vol. 2 (dez.), Porto: F. Eng. António de Almeida, pp. 179-194.

Nota Curricular:

Amândio Reis é professor auxiliar na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Os seus estudos têm incidido maioritariamente sobre as formas breves, na literatura portuguesa e na literatura brasileira, entre os séculos XIX e XX. É autor da monografia *Short Stories, Knowledge, and the Supernatural: Machado de Assis, Henry James, Guy de Maupassant* (Palgrave, 2022) e, entre outros trabalhos, de *O Livro Encenado. Escrita e Representação em Ana Teresa Pereira* (Edições Colibri, 2015). Publicou também três livros de poesia na Língua Morta e, mais recentemente, um livro de prosa e fotografia, *Asa do Avô* (não edições, 2024). Traduziu *A Imagem Fantasma*, de Hervé Guibert (BCF, 2023), e é o organizador dos quatro volumes da colecção *Contos Completos de Machado de Assis* (E-Primatur, 2024-2027).

Comunicações

(resumos e notas curriculares)

Ana Isabel MONIZ e Celina MARTINS

A poesia de José Agostinho Baptista: elegia, viagem e intertextualidade

Resumo: Segundo a linhagem romântica dos poetas malditos (AMARAL, 1991), exploraremos como a poesia de José Agostinho Baptista, que se apresenta como uma voz singular na literatura madeirense, pode ser lida como uma poética da nostalgia, marcada pelo exílio, enquanto energia impulsionadora de inspiração, e pela expressão de uma mitologia da insularidade, recriando a tradição da canção (MACHADO, 1996). A tonalidade elegíaca da poesia de José Agostinho Baptista, que pode ser entendida na perspectiva da literatura-mundo (BUESCU, 2017), sonda as metáforas da memória da ilha da Madeira, através de viagens telúricas, pautadas pela luz da utopia da ilha matricial e pela consciência crítica do sujeito insular que lamenta o desconcerto das cidades contemporâneas, espaços marcados por absurdos e rupturas, numa perspectiva distópica. Segundo Ramos Rosa, o dramatismo da poesia de Baptista transmuda-se pelo canto, dominado pelo fulgor expressivo: o poeta celebra momentos de extrema beleza e intensidade que exploram o sentimento de vazio numa vertente disfórica perante a efemeridade do tempo (ROSA, 1991).

Impregnado pela atracção do longínquo, o sujeito enunciador edifica novas mátrias, adentrando-se na evocação e na imagética das antigas civilizações do México. A partir da rememoração das cidades do Sul (Tavira, Alexandria, Granada, Buenos Aires), ressuscita o espírito do lugar, de modo a descrever roteiros da alma, com melancolia, transmitindo o sentimento de perda de cidades de outrora e a busca de reconstrução da identidade dilacerada.

Considerando que Baptista é um exímio tradutor de escritores de várias latitudes (Stevenson, Whitman, Yeats, Tagore, Vila-Matas, Bowles, Paz, Aira), propomo-nos ainda mostrar que o poeta é um “deambulador” (BAPTISTA, 1989: 24) que tem vindo a construir o poema como uma casa intertextual, acolhedora de imaginários do mundo, na tentativa de fuga do *topos* da ilha fechada em si mesma e da busca de outramento, marcada pela revisitação de lugares, reveladores da aura da epifania.

Bibliografia

AMARAL, Fernando Pinto do (1991), *O Mosaico fluido. Modernidade e Pós-Modernidade na poesia portuguesa mais recente*, Lisboa: Assírio & Alvim.

MARTINS, Celina (2019), “Figurações da ilha da Madeira na poesia de José Agostinho Baptista”, *Pensardiverso. Revista de Estudos Lusófonos*, nº 7, temática: Insularidades, Funchal: UMA, pp. 73-92.

MONIZ, Ana Isabel (2017), “Literatura e insularidade – lugar e local, região e parcela: um exemplo” *RUA-L: Revista da Universidade de Aveiro. Letras*, n.º 6, Aveiro: UAv., pp. 51-61. <https://doi.org/10.34624/rua.l.v0i6.2434>

ROSA, António Ramos (1991), *A Parede Azul. Estudos sobre Poesia e Artes Plásticas*, Lisboa: Caminho.

SEIXAS, Ana Margarida Falcão (2003), *Os novos Shâmanes. Um Contributo para o estudo da Narratividade na Poesia Portuguesa mais recente*, dissertação de Doutoramento em Teoria da Literatura

sob a orientação de Maria de Lurdes Ferraz e Fernando Pinto do Amaral, Universidade da Madeira, texto policopiado.

Notas Curriculares:

Ana Isabel Moniz é Professora Associada com Agregação da Universidade da Madeira, onde tem leccionado no âmbito de licenciaturas e de estudos pós-graduados. Realizou um Pós-Doutoramento na área da Literatura Portuguesa Contemporânea. Integra o Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa, desde 2006, onde coordena o subgrupo Viagem e Utopia desde 2018. É membro colaborador do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, da Universidade do Porto, desde 2013. Tem participado e/ou co-organizado anualmente congressos internacionais e seminários, e publicado textos críticos. É autora de diversas publicações nacionais e internacionais nas áreas privilegiadas pela sua investigação: Literatura Portuguesa, Francesa e Comparada da contemporaneidade. Coordena, com Godfrey Baldacchino e Francisco Marques, a Enciclopédia Digital de Estudos Insulares.

Celina Martins é docente da Universidade da Madeira desde 1990. A sua dissertação de Doutoramento em Literatura Comparada (UMA) incidiu na leitura cruzada entre Édouard Glissant (Martinica) e Mia Couto (Moçambique). Realizou os seus estudos de Mestrado em Literatura Comparada na Universidade de Lisboa: a sua tese reflectiu sobre a picturalidade nos poemas em prosa de Aloysius Bertrand em ligação com a obra de Callot e Rembrandt. Em 2006, com um prefácio de Mia Couto, dá à estampa o ensaio *O Entrelaçar das vozes mestiças. Análise das Poéticas da Alteridade na ficção de Édouard Glissant e Mia Couto*. Em 2023, em co-autoria com Odete Jubilado (Universidade de Évora), publicou o livro *José Saramago e a Literatura Comparada. Livro de Homenagem do Centenário*. É investigadora do Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa (CEComp), no *cluster* “Viagem e Utopia”, integrado no Grupo LOCUS. Como domínios de investigação tem privilegiado o diálogo entre as Literaturas Lusófonas e Francófonas Contemporâneas com incidência nas Poéticas dos séculos XX e XXI.

||

Ana SALGUEIRO

***Além-Mar de 1917* ou a (im)possibilidade épica na modernidade de Cabral do Nascimento**

Resumo: No “ano de 1917 da era de Cristo, e III da Guerra Europeia” (datação inscrita no encerramento do livro), portanto, num tempo em que Portugal, vivendo múltiplas crises e tendo acabado de enviar os primeiros soldados para as trincheiras europeias, reclamava a comemoração dos 500 anos da expansão ultramarina (cuja génese coincidira com o povoamento da Madeira), procurando revitalizar a nação, Cabral do Nascimento publicava *Além-Mar. Poemeto épico que fez Joam Cabral do Nascimento para narrar a historia tormentosa das Caravelas que aportaram á Ilha do Senhor Infante na madrugada do seculo XV*, em Lisboa e pela Livraria Brasileira. A mesma editora que em 1915 dera à estampa o n.º 2 de *Orpheu, Céu em fogo* de Sá-Carneiro e *Elogio da paisagem* de Pedro de Menezes. Uma coincidência não alheia nem à cumplicidade que, desde o outono de 1915, se estreitara entre Alfredo Guisado e Nascimento (colegas no curso de Direito), nem ao diálogo do último com os *de Orpheu* e outros modernistas portugueses e estrangeiros (SALGUEIRO, 2022).

Porém, em *Além-Mar*, a opção pela ortografia arcaizante e por um título descritivo onde ecoam os das crónicas que narravam as viagens ultramarinas do tempo do Infante (fábula que

o poemeto também parece tratar), assim como o arranjo gráfico da capa com letra gótica e a emulação de *Os Lusíadas* (retoma do género épico, da *oitava rima* e do motivo da ilha mítica e sagrada) parecem sustentar a tese daqueles que leram nesta primeira edição de *Além-Mar* (distinta da “nova edição refundida” de 1933) uma adesão antimodernista de Nascimento ao tradicionalismo nacionalista e neo-romântico do Integralismo Lusitano (SIMÕES, 1963).

Contestaremos esta leitura, argumentando o modernismo de *Além-Mar*. Como em outras poéticas modernistas (RAMALHO, 2007), também *Além-Mar* resulta de um *ruminante* processo criativo de *interrupção-reescrita* que remonta ao início de 1916, em que a narrativa se foi desdobrando numa *constelação textual* de versões/variantes, dialogicamente convocadas para a leitura de *Além-Mar*, onde a(s) viagem(s) ultramarina(s) aí representada(s) assume(m) frequentemente contornos simbólico-metafóricos e místicos, fazendo implodir a univocidade referencial do texto e uma identificação exclusiva dessa(s) travessia(s) com a viagem histórica de Zarco. Adotando um género menor (*poemeto épico*, ruína soçobranche das grandes epopeias clássicas) e substituindo o tom épico e glorificante pelo elegíaco e lírico, Nascimento (como Pessoa em *Mensagem*) questiona a tradição épica na sua modernidade, problematizando a falência do mito do resgate do paraíso perdido e da utopia do absoluto.

Bibliografia de trabalho:

ARISTÓTELES (2008), *Poética*, trad. Ana Maria S. Valente, 3.^a ed., Lisboa: FCG.

PESSOA, Fernando (2020), *Mensagem*, ed. Jerónimo Pizarro, Lisboa: Tinta-da-China.

RAMALHO, Maria Irene (2007), *Poetas do Atlântico. Fernando Pessoa e o modernismo anglo-americano*, Porto: Edições Afrontamento.

SALGUEIRO, Ana (2022), "João Cabral do Nascimento: um autor contemporâneo apagado de um certo retrato de família", *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 22 (Outono), Providence: Brown University, pp. 254-310.

SIMÕES, João Gaspar (1963), "A poesia de Cabral do Nascimento", NASCIMENTO, Cabral do, *Cancioneiro (1932-1962)*, Lisboa: Portugalíia Editora, pp. IX-XXVIII.

QUESADO, José Clécio Basílio (2016), "*Mensagem*, de Pessoa: uma epopeia da modernidade", *Revista Desassossego*, dossiê "Modernismo Português", vol. 8, n.º 15, São Paulo: USP, pp. 66-71.

Textos dispersos de João Cabral do Nascimento publicados no *Diário da Madeira* e no *Diário de Notícias* entre 1916 e 1933.

Nota Curricular:

Ana Salgueiro é doutoranda em Estudos de Cultura na Universidade Católica Portuguesa (UCP), onde prepara a defesa da tese *Ex-ile... o exílio nas literaturas das Ilhas Atlânticas (Cabral do Nascimento, João Manuel Varela e João de Melo)*; mestre em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e licenciada em Línguas e Literaturas Modernas – Estudos Portugueses pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É investigadora no Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da UCP e no Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais da Universidade da Madeira. O seu trabalho tem-se ocupado dos sistemas culturais da Macaronésia Lusófona, abordando questões como: o exílio e a mobilidade humana, cultural e textual; as implicações entre cultura e poder; a relação entre fenómenos culturais, imaginários e fenómenos naturais. Tem vários livros publicados em coautoria e é fundadora e atual coordenadora da revista *TRANSLOCAL. Culturas Contemporâneas Locais e Urbanas*. Presentemente desenvolve na Direção Regional dos Arquivos, das Bibliotecas e do Livro da RAM (onde se encontra requisitada para fins de investigação), o projeto Funchal Modernista e Experimental,

orientado para o estudo do fenómeno literário e cinematográfico na Madeira no século XX, e no âmbito do qual publicará, em 2025, *Além-Mar de Cabral do Nascimento e outros textos dispersos (1916-1933)*, livro prefaciado por Jerónimo Pizarro e editado com financiamento da CMF.

||

Aurelio Vargas DÍAZ-TOLEDO

Tristão Gomes de Castro, autor madeirense do século XVI

Resumo: Biografia de Tristão Gomes de Castro, o maior escritor da Madeira do século XVI, cuja obra literária foi resgatada do esquecimento há pouco mais de uma década. Ele criou a saga cavaleiresca da *Argonáutica da cavalaria*, onde se contam as aventuras de Leomundo de Grécia, filho do imperador Leomarte de Grécia. Ao mesmo tempo, nesta comunicação falamos da importância do Arquivo Regional da Madeira, onde descobrimos até 89 documentos, quase todos inéditos, relativos à família de Tristão Gomes de Castro. Deste modo, falaremos da importância deste autor dentro da sociedade madeirense da segunda metade do século XVI e princípios do século XVII.

As linhas argumentativas das duas partes da *Argonáutica da cavalaria* giram em torno de dois grandes eixos. O primeiro corresponde ao desenvolvimento da relação amorosa entre Leomundo de Grécia e Rocilea de Espanha, um amor quase impossível pelo ódio que existia entre gregos e espanhóis. O segundo tem a ver com os preparativos para a guerra entre o reino espanhol e o império heleno.

Por causa de uma alusão a D. Francisca de Aragão, a *Argonáutica da cavalaria* pode situar-se num arco cronológico muito reduzido, isto é, entre 1599, ano da instauração do dito título, e 1607, data da renúncia de Francisca de Aragão no seu segundo filho. Portanto, o texto de Gomes de Castro deverá ter sido composto no calor do apogeu do género cavaleiresco em Portugal, isto é, entre os finais do século XVI e os princípios do século XVII.

Procuramos, assim, recuperar o escritor madeirense Tristão Gomes de Castro, que permaneceu na mais absoluta escuridão durante muito tempo e que, no entanto, foi um dos mais significativos e prolíficos criadores de livros de cavalarias de Portugal.

Bibliografia:

VARGAS DÍAZ-TOLEDO, Aurelio, dir. (2017-), *O Universo de Almourol. Base de dados da matéria cavaleiresca portuguesa dos séculos XVI-XVIII*, disponível em <https://parnaseo.uv.es/UniversoDeAlmourol/>.

VARGAS DÍAZ-TOLEDO, Aurelio (2007), *Estudio y edición crítica del Leomundo de Grécia, de Tristão Gomes de Castro*, Madrid: Universidad Complutense de Madrid.

VARGAS DÍAZ-TOLEDO, Aurelio (2008), "Apontamentos sobre um livro de cavalarias desconhecido: a *Argonáutica da Cavalaria* de Tristão Gomes de Castro, escritor madeirense do século XVI», *Revista Islenha*, n.º 43 (Jul.-Dez.), Funchal: DRAC, pp. 5-22.

VARGAS DÍAZ-TOLEDO, Aurelio (2012), *Os livros de cavalarias portuguesas dos séculos XVI-XVIII*, Parede: Pearlbooks.

VARGAS DÍAZ-TOLEDO, Aurelio (2021), *Argonáutica da cavalaria. Partes I-II. Material de apoio à leitura*, Madrid: Sial.

Nota Curricular:

Aurelio Vargas Díaz-Toledo é Doutor em Filologia Românica e Prémio Extraordinário de Doutoramento pela Universidade Complutense de Madrid, com uma tese intitulada *Estudio y edición crítica del Leomundo de Grecia*, do madeirense Tristão Gomes de Castro (Madrid, Universidade Complutense de Madrid, 2007). Foi Docente e Investigador no programa de pós-doutoramento Juan de la Cierva no Departamento de Filologia da Universidade de Alcalá de Henares. Foi *Lecturer* na University College Dublin (Irlanda), no Departamento de Espanhol e Português (2012-2015). Foi também Investigador Auxiliar FCT da Universidade do Porto, e diretor do projeto de investigação com financiamento europeu intitulado *Base de dados sobre a Matéria Cavaleiresca Portuguesa dos séculos XVI-XVIII*, desenvolvido no Seminário Medieval de Literatura, Pensamento e Sociedade (SMELPS), do Instituto de Filosofia (UI&D 502) - Concurso Investigador FCT 2012 (Ref. IF/01502/2012). Na actualidade, é Professor Associado no Departamento de Estudios Románicos, Franceses e Italianos y Traducción, da Universidade Complutense de Madrid.

| |

Cátia Vieira PESTANA

Cosmopolitismo e viagem no *Diário de Luzia*: lugares de bulício e solidão

Resumo: Luzia, pseudónimo de Luísa Susana Grande de Freitas Lomelino, nascida em Portalegre, casada e falecida na Madeira, onde viveu por um extenso período, tornando-se assim, como referiu Irene Gil, no *Notícias de São Lourenço*, de 22 de maio de 1974, “alentejana de nascimento e madeirense de coração”, foi uma das escritoras de grande destaque no início do Século XX, em Portugal. Foi apontada pelo jornalista Norberto de Araújo, no *Diário de Lisboa* de 15 de maio de 1926, como a primeira das escritoras portuguesas, e por Augusto de Castro, como “Eça de Queirós de saias”, e foi aclamada pela elite feminina das letras portuguesas como Maria Amália Vaz de Carvalho, Teresa Leitão de Barros, Fernanda de Castro ou Virgínia Vitorino, apenas para citar algumas.

Detentora de um espírito peregrino, Luzia dividiu a sua vida entre o Alentejo e a Madeira, na fase inicial da sua vida, e entre a Madeira, Lisboa e França na sua fase adulta, passando grandes temporadas nas capitais portuguesa e francesa e longos retiros em busca de tranquilidade e cura nos Pirenéus Atlânticos, na região da Nova Aquitânia.

Luzia transporta para o diário íntimo que escreveu entre julho de 1902 e 15 de maio de 1915 esta mundanidade que lhe permite estabelecer o diálogo entre os centros e as margens, entre a metrópole e a ilha, entre Portugal e a França, entre Paris e o Funchal, e entre culturas distintas. Nas suas viagens, Luzia busca encontrar-se, mas também procura encontrar o mundo, mergulhar em outras culturas e outras vivências, procurando assim uma nova geografia de si própria.

Esta comunicação pretende analisar as temáticas do cosmopolitismo e da viagem na obra da escritora Luzia, utilizando como *corpus* de análise o *Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um jornal* (2023). Através do levantamento dos lugares por onde passa e das pessoas com quem convive, procuraremos definir e contrapor os lugares de bulício e de solidão e, por meio do levantamento das obras literárias, dos escritores, música, das peças de teatro e das obras de arte referidos, procuraremos analisar em que medida é que Luzia encontra naquilo que lê, ouve, assiste e vê, uma outra forma de ser cosmopolita.

Bibliografia:

- BUESCU, H. C. (2012), “A literatura sob a 1a república”, *Letras De Hoje*, vol. 47, n.º 4, Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, pp. 387–391.
- CONDE, J. M. S. (1990), *Luzia, o Eça de Queirós de Saias*, s.l.: edição do autor.
- JESUS, S. C. A. (2023), *Os registos diarísticos de Luzia: entre tempos e espaços*, dissertação de mestrado, Funchal: UMa.
- KANT, I. (2008), *A paz perpétua: um projeto filosófico*, Covilhã: LusoSofia Press.
- MATA, A. L. N. (2015), “Ficções cosmopolitas: comunidades globais imaginadas na literatura brasileira do início do século XXI”, *O Eixo e a roda*, vol. 24, n.º 1, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, pp. 125-138.
- MONIZ, A. I., PINHEIRO, J., COELHO, L. M., SOUSA, A., PINHEIRO, C., coord. (2021), *Viagem e Cosmopolitismo: da Ilha ao Mundo*, Ribeirão: Edições Húmus.
- NEVES, C. S. S. (2017), *O Reino Encantado de Luzia A crónica da vivência e a eterna busca do “Eu”*, Lisboa: CLEPUL
- ONFRAY, M. (2009), *Teoria de viagem: uma poética geografia*, Lisboa: Quetzal Editores.
- PAOLINELLI, L. A. & TRINDADE, A. C., coord (2023), *Diário de Luzia: Caminhos da Vida, um jornal*, Lisboa: Livros Horizonte.

Nota Curricular:

Cátia Vieira Pestana atua na(s) área(s) de Ciências Sociais com ênfase em Ciências Documentais e Humanidades. Licenciada em Ciências da Cultura pela Universidade da Madeira (UMa), com formação técnica em Arquivo, pela Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas e Mestranda em Literatura, Cultura e Diversidade, na UMa. Arquivista da Direção Regional dos Arquivos, das Bibliotecas e do Livro, cedida por interesse público à ADEGI – Associação para o Desenvolvimento de Estudos Globais e Insulares para o desenvolvimento de projetos de relevante interesse cultural para a Região Autónoma da Madeira associados à temática da história global e à participação na mesma das ilhas Atlânticas e que envolvem igualmente o Centro de Estudos Globais, como os projetos *Cartas de William Bolton* e *Epopéias Insulares*. Dinamizou diversas mostras documentais e exposições, das quais se destaca a exposição evocativa do centenário da presença do Imperador Carlos da Áustria e família nos fundos documentais do Arquivo Regional da Madeira, que teve itinerância em Budapeste e foi co-autora da publicação *Centenário da Presença de Carlos de Habsburgo na Madeira: Um Percorso pelos Acervos do Arquivo e Biblioteca* (2012) – edição bilingue – da Coleção Madeira Selected Memories da Secretaria Regional do Turismo e Cultura. Colaborou com a Arteleia – Produção de Conteúdos Literários, nas obras *Rosita Vidal: a caminhada da filha de ninguém* (2018); *A história do Diário de Notícias na Madeira* (2018) e *Se eu fosse uma chave do céu* (2018). Criou, produz e integra o programa de rádio *Mulheres com Palavra*, na TSF-Madeira, desde 2020, e colabora no espaço de opinião “4 em linha”, no semanário *Tribuna da Madeira*, desde 2022. Pertence à direção da ADEGI, na qualidade de Secretária e é investigadora do Centro de Estudos Globais, da Universidade Aberta, na linha de investigação Literatura, Artes e Transculturadas.

Diogo MARQUES e Inês CARDOSO

RETRATO[S] DE FAMÍLIA: reler, escrever, retextualizar António Aragão

Resumo: RETRATO[S] DE FAMÍLIA é um projeto de natureza ciberliterária, desenvolvida por d1g1t0 indivíduo_coletivo, que tem por base a utilização de aplicativos baseados em inteligência artificial, tecnologia de realidade aumentada (AR) e técnicas de literatura combinatória para criar retratos e biografias ficcionais/fictícias de várias gerações de uma família funchalense de inícios do século XX. Inspirado nas obras do poeta experimental António Aragão, o projeto é uma reinterpretação de dez retratos de família presentes na instalação 'POESIA URRO' (1980), em conjunto com o romance experimental *Um Buraco na Boca* (edições CF; 1971).

Vencedor da Bolsa de Criação Artística 2023/24 atribuída pela Câmara Municipal do Funchal, este projeto encontra-se dividido em três fases distintas mas que se interrelacionam: 1) Investigação; 2) Experimentação; 3) Criação.

A primeira fase, realizada em agosto de 2023 em colaboração com a Direção Regional de Arquivos e Bibliotecas da Madeira (DRABM), envolveu investigação científica em arquivos fotográficos e documentos históricos sobre o Funchal e a Ilha da Madeira, explorando temas como insularidade e património. Foram também aplicadas técnicas de *close* e *distant reading* ao romance de António Aragão com a finalidade de se extrair um primeiro pacote de dados.

A segunda etapa, que ocorreu no mês de março de 2024, incluiu oficinas sobre práticas de escrita com comunidades locais, em instituições educacionais e culturais do Funchal (Escola Secundária de Francisco Franco e Galeria Porta 33). Com o intuito de enriquecer a base de dados inicial, nestas oficinas procedeu-se à recolha de memórias e testemunhos de várias gerações de funchalenses a partir dos retratos de família expostos inicialmente por Aragão.

Por sua vez, a combinação destes dois conjuntos de dados deu origem a uma instalação ciberliterária na terceira fase do projeto (patente no Museu de Fotografia da Madeira - Atelier Vicentes entre outubro e dezembro de 2024, com curadoria de Ana Salgueiro e Inês Cardoso), numa reinterpretação das investigações artísticas e etnográficas de Aragão sobre a memória da Ilha da Madeira, em particular do Funchal, onde o público escritor foi convidado a participar ativamente no processo de autoria distribuída, gerando biografias potencialmente únicas a cada interação para uma série de retratos gerados por IA.

No contexto do I Colóquio Literatura Madeirense, será feita uma breve apresentação do percurso do coletivo ciberliterário d1g1t0, com foco no seu projeto mais recente, RETRATO[S] DE FAMÍLIA, procurando pensar a conjugação entre criatividade computacional e revitalização do património imaterial, bem como a utilização disruptiva das tecnologias digitais enquanto meio de criação literária e produção artística.

Bibliografia:

CARDOSO, Inês (2024), “«não me canso de dizer que cada coisa pode ser o contrário do que é»: Alberto Pimenta, António Aragão e o ato de habitar o silêncio”, *Performances Poéticas | Poéticas Performativas*, Eds. Bruno Ministro, Inês Cardoso e Lúcia Evangelista, Porto: ILC Livros Digitais - Coleção Cassiopeia, pp. 89-106.

CARDOSO, Inês (2018), “António Aragão”, *A Europa face à Europa: Poetas escrevem a Europa*, Porto: ILCML. Disponível em: <http://aeuropafaceaeuropa.ilcml.com/pt/verbete/antonio-aragao>.

CARDOSO, Inês, SALGUEIRO, Ana (2024), *RETRATO[S] DE FAMÍLIA - Texto das curadoras para a folha de sala da exposição de d1g1t0 indivíduo_coletivo (Diogo Marques e João Santa Cruz)*, Funchal: Museu de Fotografia da Madeira - Atelier Vicente's.

MARQUES, Diogo, GAGO, Ana (2022), “«Para mim, eu meto o telescópio ao contrário, é olhar para dentro»: O experimentalismo etnográfico de António Aragão”, *TRANSLOCAL. ANTÓNIO ARAGÃO, antena receptiva*, n.º 4, Funchal: CIERL/UMa, CMF, IA, pp. 54-68.

MARQUES, Diogo, GAGO, Ana, SANTA CRUZ, João (2022), “Metametanemas: acto mútuo de discordância, a partir (de) António Aragão”, *TRANSLOCAL. ANTÓNIO ARAGÃO, antena receptiva*, n.º 4, Funchal: CIERL/UMa, CMF, IA, p. 223.

Notas Curriculares:

Diogo Marques é membro integrado do ILCML, Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, e investigador no CODA – Centre for Digital Culture and Innovation (FLUP). Em 2018 doutorou-se em Materialidades da Literatura, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. A sua tese centrou-se na análise de interfaces hápticas enquanto elementos expressivos em literatura computacional. Foi investigador de pós-doutoramento no IELT – Instituto de Estudos de Literatura e Tradição (NOVAFCSH), no âmbito do projeto VAST: values across space & time (2020-21) e Bolseiro de Investigação na Fundação Fernando Pessoa, Porto (2018-2020). Coorganizou o volume de ensaios *Investigação-Experimentação-Criação: em Arte-Ciência-Tecnologia* (Porto: Edições FFP; 2020). É autor, curador e tradutor de (Ciber)literatura experimental e cofundador do coletivo ciberliterário d1g1t0 (wreading-digits.com). É membro do MATLIT LAB, Laboratório de Humanidades da Universidade de Coimbra; da Artech-Int – International Association of Computational Art; da ELO – Electronic Literature Organization; e da APEAA – Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos.

Inês Cardoso é doutorada em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Concluiu, na mesma instituição, o mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes, apresentando uma dissertação intitulada *O futuro já mostra que ontem foi há muito tempo: A resistência à globalização em Alberto Pimenta* (2016). Defendeu recentemente a sua tese de doutoramento dedicada às poepráticas de Salette Tavares e António Aragão, projeto pelo qual lhe foi atribuída uma bolsa de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). É investigadora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (ILCML) e editora da *Revista Interartes SKHEMA* [www.skhemagazine.com]. O seu mais recente livro coorganizado intitula-se *Performances Poéticas | Poéticas Performativas* (com Bruno Ministro e Lúcia Evangelista, Porto: ILC – Livros Digitais, 2024).

||

Duarte Drummond BRAGA

Orientalismo e egiptofilia em Albino de Meneses

Resumo: Em Portugal, o culto estético do Egito é notório no Modernismo literário português, com Pessoa, Guisado e Ângelo de Lima à cabeça em termos desse investimento estético, o que deverá ser estendido a Albino de Meneses. A revista fundadora do movimento modernista, *Orpheu*, está repleta deste imaginário orientalista com sabor egípcio até ao número 3, em que deveriam ter sido publicadas 10 páginas de textos deste modernista madeirense, que não deixou também de se interessar por geografias ainda mais raras na literatura portuguesa, como

Bizâncio. Este orientalismo modernista vem fundamentalmente do poeta *fin-de-siècle* Eugénio de Castro (1869-1944), que se baseia muito no egiptólogo Maspero (*Histoire ancienne des peuples de Orient*, 1875) em termos históricos, mas também estéticos, mostrando que a egiptologia e a Egiptomania não correspondem apenas a uma dialética entre verdade e mentira, mas são de facto duas faces complementares de um mesmo fim, o que encontraremos depois em outros poetas. O que Albino partilha com os outros modernistas portugueses (e para cujo efeito concorre o imaginário orientalista) é a representação de figuras femininas transcendentais e inacessíveis que tais geografias permitem evocar, com referências e personagens históricas fantasiosas. Interpretaremos, em particular, as prosas: “a noite bizantina” (1921), “o colar de pedras finas da rainha Rimini” (1921) e “O serão da imperatriz” (1923), fazendo uso da teoria de Edward Said, conforme trabalhada no grupo de estudos sobre orientalismo no CECOMP-FLUL. Interpretaremos em particular a forma como o orientalismo permite exceder as meras concessões a uma poética finissecular, permitindo ao autor desenvolver uma estética com uma exploração do mistério, do desconhecido, do erotismo estático e hierático de alguma forma mais afim a Guisado, Lima e ao próprio Pessoa do que propriamente a uma mera marca de decadentismo-simbolismo que puxaria o autor para trás, em termos histórico-literários, quando a sua obra deve ser lida fundamentalmente dentro do espírito do Primeiro/Alto Modernismo.

Bibliografia:

- BRAGA, Duarte Drumond (2019), *As Índias Espirituais. Fernando Pessoa e o modernismo português*, Lisboa: Tinta da China.
- MASPERO, Gaston (1875), *Histoire ancienne des peuples de l' Orient*, Paris: Librairie Hachette.
- SILVEIRA, Pedro da (1990), “Um modernista madeirense”, *Isleña*, n.º 6, Funchal: DRAC, pp. 115-116.
- VERÍSSIMO, Nelson (1991), “Sem título” [Introdução], MENEZES, Albino, *A Noite Bizantina*, Funchal: SRTCE/DRAC, pp. 7-14.
- TEIXEIRA, Maria Mónica (2008), “Albino de Menezes”, *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, coord. F. Cabral Martins, Lisboa: Caminho, pp.453-455.

Nota Curricular:

Duarte Drumond Braga is a researcher, lecturer and poet (b. Lisbon, 1981). FCT CEEC Junior Researcher at the Center for Comparative Studies from 2019 to the present. Assistant Professor of Portuguese Studies at Macau University of Science and Technology (2018-2019). Postdoctoral fellow at the University of São Paulo's School of Human Sciences (2014-2018), Brazil. He holds a Phd (2014) and an MA (2006) in Comparative Studies from the University of Lisbon. He has published several edited volumes, journal issues and articles on Portuguese orientalism and Goa and Macau literatures in Portuguese. Other of his research interests are Portuguese literature from Romanticism to Modernism, in particular poetry.

Francisco TOPA

Entre a ‘raça dos tiranos’, os ‘fiéis ingleses’ e a ‘existência da mísera consorte’: dois conjuntos de inéditos de Medina e Vasconcelos

Resumo: Embora tenha gozado “em vida de bastante celebridade”, o madeirense Francisco de Paula Medina e Vasconcelos (1768-1824) tem “hoje [...] o seu nome quasi de todo esquecido, talvez com pouca razão” – escreveu Inocêncio Francisco da Silva. Século e meio depois a situação não é substancialmente diferente, apesar do recente trabalho de Maria de Lurdes Caldas e de uma série de outros contributos que foram surgindo nas últimas décadas. Não dispondo de condições para, no imediato, reverter esse estado de coisas, proponho-me editar e estudar dois dos vários conjuntos de textos inéditos do autor da *Zargueida*: um conjunto, conhecido, de sonetos (na verdade um soneto e 14 glosas), dedicado a Henry Veitch, cônsul britânico na Madeira, a propósito da expulsão dos franceses, depositado na Biblioteca Nacional de Portugal e datado de 1811, que pode ser lido à luz da francofobia e da correspondente anglomania da época (Códice 7003); o outro, ao que suponho totalmente desconhecido e de cariz mais circunstancial, correspondente a uma epístola em 71 versos brancos de estrofação irregular dedicada a Fernando Correia Henriques de Noronha, Visconde de Torre Bela (1768-1821) e marido da filha dos primeiros Viscondes de Balsemão, D. Emília Henriqueta Pinto de Sousa Coutinho. Não datado, o poema é justificado pelo pedido de apoio para “Ir ver da Grão Bretanha a Grão Cidade, / Só a fim de offertar o meu Poema / Ao Principe de Galles na esperança / De poder adoçar minha existencia, / E a existencia da misera Consorte, / Cercada de filhinhos innocentes”.

Embora de interesse – literário – desigual, os dois textos mostram-nos duas facetas que não são exclusivas de Medina e Vasconcelos, mas antes comuns a muita da literatura da época: o ideal difuso de liberdade e os condicionalismos, comezinhos mas humanos, de uma existência limitada, sempre em busca de um mecenas redentor.

Bibliografia:

CALDAS, Maria de Lurdes (2021), *Francisco de Paula Medina e Vasconcelos: a vida tormentosa de um poeta maçã*, Funchal: Direção Regional da Cultura.

CARITA, Rui (2003), *História da Madeira. As ocupações inglesas e as lutas liberais: o processo político (1801-1834)*, vol. VI, Funchal: SRTC.

TEIXEIRA, Maria Mónica (2005), *Tendências da literatura na Ilha da Madeira nos séculos XIX e XX*, Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico.

MACHADO, Álvaro Manuel, (2012), “Invasões Francesas e Pré-Romantismo Português: Francofobia e Anglomania”, *Carnets*, n.º 4, Coimbra: APEF/FLUC, pp. 29-43.

PEREIRA, Leonardo Atayde (2020), “Bonaparte e o imaginário literário português”, *Via Atlântica*, n.º 38, São Paulo: USP, pp. 100-132.

RIBEIRO, Maria Madalena Gomes (1963), *A obra poética de Francisco de Paula Medina e Vasconcelos*, tese de licenciatura em Filologia Românica, Lisboa: FLUL.

RODRIGUES, Paulo Miguel (2011), “A Madeira durante o primeiro triénio liberal (1820-1823): autonomia, adjacência ou independência?”, *Lusofonia: Tempo de Reciprocidades: Actas do IX Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Vol. II, Porto: Edições Afrontamento, pp. 451-463.

SILVA, Inocêncio Francisco da (1859 e 1870), *Diccionario bibliographico portuguez*, Lisboa: Imprensa Nacional.

Nota Curricular:

Francisco Topa é Professor Associado com Agregação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e membro integrado do CITCEM. Leciona nas áreas de Literatura e Cultura Brasileiras, Crítica Textual, Literaturas Africanas e Literaturas Orais e Marginais. É, desde 2019, o responsável pela Cátedra Agostinho Neto na FLUP e, desde 2023, diretor do Departamento de Estudos Portugueses e Românicos. Tem sido professor visitante em diversas universidades brasileiras e europeias.

A sua investigação tem estado dirigida para as literaturas brasileira e portuguesa, para as literaturas africanas e para algumas áreas da literatura oral e marginal. Publicou cerca de 260 trabalhos, 29 dos quais em livro.

||

Leonor Martins COELHO

Geografias literárias e representações das ilhas na escrita de Irene Lucília Andrade

Resumo: Irene Lucília Andrade é uma voz incontornável do sistema literário afeto à Madeira. Ao longo da sua produção, quer a distância atlântica e o sentimento de isolamento, quer a consciência de pertença a outros territórios ocupam um lugar de destaque. A consciência insular surge na poesia de Irene Lucília Andrade desde *Hora Imóvel* (1968), tornando-se um dos fios condutores da sua escrita. Assim acontece em *O Pé Dentro d'Água* (1980), *Ilha que é Gente* (1986), *A Mão que Amansa os Frutos* (1991), *Estrada de um Dia Só* (1995), *Protesto e Canto de Atena* (2001) ou *Água de Mel e Manacá* (2002). A escrita ficcional ou cronística convoca, também, a condição de ilhéu e questões de perifericidade, bem como renovadas dinâmicas e cruzamentos cosmopolitas. Assim o dá a ver a autora em *Angélica ou a sua Espécie* (1993), *Porque me Lembrei dos Cisnes* (2000), *A Penteada ou o Fim do Caminho* (2004), *Crónica da Cidade Anónima. À Hora do Tordo* (2008) e as inúmeras crónicas publicadas no *Funchal Notícias*. São problemáticas que atravessam, ainda, a escrita diarística luciliana, como revela *Um Diário para os Dias* (2013). Poderíamos referir, nesse sentido, as várias participações no projeto coletivo *Ilha* (1979, 1991, 1994 e 2008) e os contributos poemáticos que foram editados nos dois volumes de *Cadernos de Santiago* (2016 e 2021).

Por razões metodológicas, debruçar-nos-emos nos livros *Sete Pássaros Sobre a Laguna* (2020), *O Inevitável Regresso dos Pássaros* (2023) e *Escrito a Pedra e Ínsulas. De Funchal...a Veneza* (2024), porque, nesta trilogia, podemos conferir, por um lado, o sentimento de solidão e de atavismo que o espaço madeirense parece conter, e, por outro, o modo luminoso que emerge associado à ilha italiana.

A escritora não nega o seu substrato madeirense, mas desvenda o fascínio que Itália exerce sobre ela, tecendo, assim, com maior acuidade, uma crítica ao espaço arquipelágico matricial. Esta leitura geocentrada revelará de que modo o espaço irrompe como agente da estrutura dos textos, sublinhando a consciência geográfica da escritora e frisando que a ilha pode ser um lugar radioso ou um sítio dissonante. Outros *leitmotiv* serão referidos: a reflexão metaliterária, o rico intertexto ou a análise crítica sobre inúmeras circunstâncias globais, como a que se circunscreve à turistificação. A escolha deste *corpus* justifica-se porque os três livros constituem um conjunto coeso e significativo do repertório temático da autora.

Bibliografia:

ANDRADE, Irene Lucília (2020), *Sete Pássaros na Laguna*, Lisboa, Âncora Editora.

ANDRADE, Irene Lucília (2023), *O Inevitável Regresso dos Pássaros*, Lisboa, Âncora Editora.

ANDRADE, Irene Lucília (2024), *Escrito a Pedra e Ínsulas... De Funchal a Veneza*, Lisboa, Âncora Editora.

BACHELARD, Gaston (1961), *La Poétique de l'Espace*, Paris: Presses Universitaires de Paris.

COELHO, Leonor Martins (2020), "A ilha e o mundo na escrita de Irene Lucília Andrade", *Insularidades, Rotas, Gentes. Paisagens*, Porto: Edições Afrontamento, pp. 23-43.

MARTINS, Manuel Frias (2016), "Quando a ilha é um domicílio do corpo mas não a casa da alma. A propósito de alguns poemas de Irene Lucília", *Cadernos de Santiago I*, Lisboa, Âncora Editora, pp. 45-47.

Nota Curricular:

Leonor Martins Coelho é professora auxiliar na Universidade da Madeira e investigadora integrada no Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa (*cluster* "Viagem e Utopia" do Grupo LOCUS. Espaços. Lugares e Paisagens). Dirige, atualmente, o Doutoramento Internacional em Literaturas e Culturas Insulares. Participa regularmente em colóquios internacionais. Tem (co)organizado colóquios, jornadas e seminários. Na intersecção dos Estudos de Cultura com os Estudos Literários, destacam-se, de entre as suas publicações, *Gérard Aké Loba: Utopia e Identidade Pós-colonial* (2019), *Viagem e Cosmopolitismo: da Ilha ao Mundo* (co-coord., 2021) e *Insularidades. Rotas. Gentes. Lugares* (coord., 2021), *O Teatro de José Saramago. (Im)possibilidades da Utopia* (2022) e *Vício Impune. Textos e Leituras* (2023). Os seus ensaios, artigos e resenhas estão publicados em revistas nacionais e internacionais, tais como *Dedalus*, *Colóquio/Letras*, *Limite* e *Reflexos*

||

Luísa Antunes PAOLINELLI

Para uma História Global da Literatura da Madeira

Resumo: A literatura é um território global, sendo necessário ser entendida através de uma perspetiva que amplie o espaço de visão e supere um método de conhecimento "regionalista" ou "nacionalista", fechado, que tende tanto a não considerar as relações com as outras literaturas e culturas, como as que se estabelecem entre o local e o global, desconsiderando as periferias. A partir da lição de Charles Maurel e Carlo Dionisotti, pretende-se, no campo da história literária da Madeira, cruzar fronteiras e desafiar a compartimentalização geográfica. Este tipo de abordagem, que valoriza as relações com outras literaturas e o que era produzido fora dos grandes centros de cultura e produção, sem um objetivo totalizante, mas possibilitante, tem como objetivo primordial abrir caminhos para explorar uma nova panóplia de análises que permitirão complexificar o conhecimento sobre a literatura na Madeira, dando-a a conhecer e reivindicando para si uma dimensão transformadora na literatura portuguesa e global.

Bibliografia:

BEECROFT, Alexander (2022), "Chapter 2. Can we have a global literary history?", *India after World History: Literature, Comparison, and Approaches to Globalization*, edited by Neilesh Bose, Amsterdam: Leiden University Press, pp. 57-74.

BRAUDEL, Paule (2017), "À propos de *l'histoire globale* : réflexions et digressions", *Autour de Fernand Braudel et un texte inédit de Fernand Braudel*, ed. Paul Carmignani, Perpignan: Presses Universitaires de Perpignan, pp. 121-142.

DIONISOTTI, Carlos (1999), *Geografia e Storia della Letteratura Italiana*, Milano: Einaudi.

LANDE, Joel B., FEENEY, Denis (2022), *How Literatures Begin: A Global History*, Mass.: Princeton University Press.

Nota Curricular:

Luísa M. Antunes Paolinelli é doutorada em Literatura Comparada pela Universidade da Madeira e fez a agregação em Estudos Culturais, na Universidade de Aveiro. Docente da Universidade da Madeira, é membro do CLEPUL, da FLUL, sendo coordenadora da linha de pesquisa Diálogos Atlânticos. Dedicase ao estudo das literaturas e culturas lusófonas e também à cultura e literatura regionais. Editora-chefe da revista *NAUS*, participa em vários Comitês Científicos de revistas portuguesas e estrangeiras e é membro do conselho científico de instituições de investigação, como a Academia Lusófona Luís de Camões e o Centro de Estudos Europeus Sirio Giannini, entre outros. Presidente da ADEGI, Associação para o Desenvolvimento dos Estudos Globais e Insulares, é coordenadora para a Literatura do *Dicionário Enciclopédico da Madeira*. Publica na área de Literatura e Cultura.

||

Maria Teresa NASCIMENTO

A *Insulana*, de Manuel Tomás e a retórica da citação

Resumo: Marginando as estâncias da *Insulana*, são muitas as remissões nelas feitas a nomes de autores, associados ou não à indicação das respectivas obras. Outras vezes, ainda, como variante a este procedimento, encontramos citações mais ou menos textuais, mas desprovidas de qualquer identificação ou comunicação de proveniência. Na parte constituída pela narração histórica, é ainda comum encontrarem-se menções às personalidades enunciadas em cada uma das oitavas. Fundamentar uma asserção pela *auctoritas*, repercutir o eco de outra, oferecer convergências de pensamento, parecem-nos ser os propósitos mais comuns, neste jogo dialógico que a epopeia institui com outros textos.

Bibliografia: __

Nota Curricular:

Maria Teresa Nascimento é Professora na Universidade da Madeira; investigadora do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, onde coordena a linha de investigação sobre os Comentários a Camões: Presidente do Conselho Pedagógico da Faculdade de Artes e Humanidades; Directora do Mestrado em Gestão Cultural; Directora do Doutoramento em Ilhas Atlânticas. Algumas publicações de livros: *Percursos do Diálogo no Séc. XIX. Corpus Descritivo*, Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2024; *Insulana de Manuel Tomás*, Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2024; *Olhares, silêncios e imagens com palavras dentro: para Ana Margarida Falcão*,

Funchal, Direção Regional da Cultura, 2019 (coedição com Ana Isabel Moniz e Isabel Santa Clara); OS *LUZIADAS de Luis de Camões princepe dos poetas heroicos comentados por o P. D. Marcos*, Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos 2014 (coord. e comentário de Isabel Almeida; transcrição de textos de Filipa Medeiros, Marcelo Vieira, Manuel Ferro e Maria Teresa Nascimento); *O Diálogo na Literatura Portuguesa. Renascimento e Maneirismo*, Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2011.

||

Naidea Nunes NUNES

Estudo linguístico-etnográfico do Havai madeirense nos textos literários de Elma Tranquada Cabral (1909-2011): música, comida e outras tradições familiares

Resumo: A propósito da história da emigração madeirense e do seu contributo cultural para o Havai (CALDEIRA, 2010), propõe-se estudar alguns textos literários de Elma Tranquada Cabral, nascida em 1909 em Honolulu, que morreu em 2011 no Havai, sendo descendente de imigrantes portugueses. Publicou 25 textos no *Paradise of the Pacific*, entre 1946 e 1954, nomeadamente “Grandpa was a Troubadour” (1946), “Boas Festas” (1947), “The romance of Roza das vacas” (1948) e “The Irresistible Henrique” (1954). A autora escreve sobre música, comida e outras tradições familiares de origem madeirense, usando léxico regional como: *braguinha, rajão, viola, lapinha, bisca, carne vinho e alhos, bolo de mel*. Este vocabulário surge em português, reproduzindo a língua falada na escrita e/ou com algumas interferências do inglês, por vezes seguido da respetiva tradução. Correa & Knowlton Jr. (1982: 74) referem que Cabral é “A convenient source on manifestations of Portuguese culture”, através de “a series of sketches of immigrant life [...] The holiday customs wine-drinking at Christmas; the *lapinha* or Nativity scenes; the mass followed by *caldo de galinha*, 'chicken broth'”, entre outros elementos socioculturais como “the forerunners of the *'ukulele*, including the *braguinha*, the *machete de Madeira*, the *viola* (Portuguese guitar), and the *rajão* (...) *malassadas*, 'doughnuts' (...)”. Por sua vez, King & Tranquada (2003) mencionam Elma Cabral a propósito da investigação sobre o ukulele havaiano de origem madeirense. Os textos literários da autora guardam a riqueza etnográfica e linguística da cultura insular na diáspora, o que nos leva a problematizar a sua classificação como literatura da Madeira no mundo, parte de um repertório literário madeirense. Mais especificamente, trata-se de discutir a inclusão da criação literária de autores que não nasceram na Madeira, mas noutras geografias, como património literário da região e da diáspora, integrando o sistema literário na e da Madeira. Tendo em conta a história da cultura madeirense enquanto realidade construída socialmente na(s) comunidade(s) madeirense(s), pretende-se contribuir para a resposta à questão: Que literatura(s) Madeirense(s) tem/têm existido?

Bibliografia:

- CABRAL, Elma T. (1946), “Grandpa was a Troubadour”, *Paradise of the Pacific*, dez. 1946, pp. 17-20.
- CABRAL, Elma T. (1947), “Boas Festas”, *Paradise of the Pacific*, dez. 1947, pp. 57-59.
- CABRAL, Elma T. (1948), “The romance of Roza das vacas”, *Paradise of the Pacific*, dez. 1948, pp. 97-100.
- CABRAL, Elma T. (1954), “The Irresistible Henrique”, *Paradise of the Pacific*, 1954, pp. 77-81.

CALDEIRA, Susana (2010), *Da Madeira para o Hawaii: A Emigração e o Contributo Cultural Madeirense*, Coleção Teses, n.º7, Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico.

CORREA, Genevieve & KNOWLTON Jr., Edgar C. (1982), "The Portuguese in Hawaii", *Social Process in Hawaii*. Ethnic Sources in Hawaii. A special issue for the University of Hawaii's Seventy-Fifth Year, vol. 29, pp. 70-77.

KING, John & TRANQUADA, Jim (2003), "A New History of the Origins and Development of the 'Ukulele, 1838-1915", *The Hawaiian Journal of History*, vol. 37, pp. 1-32.

Nota Curricular:

Naidea Nunes Nunes é Professora Associada no Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira. Pós-Doutorada em Ciências da Linguagem e Linguística Aplicada pela Universidade Pompeu Fabra (Barcelona, Espanha). Doutorada em Linguística Românica – História da Língua Portuguesa pela Universidade da Madeira. Mestre em Linguística Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Investigadora integrada no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, na área da Dialectologia e Diacronia, colaborando na publicação do *Atlas Linguístico-Etnográfico da Madeira e do Porto Santo*. Colaboradora do Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais da Universidade da Madeira (CIERL) e do Centro de Investigação, Desenvolvimento e Inovação em Turismo (CiTUR) - polo da Universidade da Madeira, na linha de investigação Turismo, Cultura, Sociedade e Linguagem. Tem investigação feita nas áreas: Antroponímia, Cultura Açucareira no Mediterrâneo e no Atlântico, Migrações e Mobilidades, Regionalismos Madeirenses, Tradições Regionais, Turismo Etnolinguístico e Património Cultural Imaterial.

||

Paulo Miguel RODRIGUES

História, historiadores e historiografia madeirense (1821-1941): propostas de leitura e investigação na construção de uma identidade

Resumo: A importância da História na construção da Memória e da Identidade, assim como a sua relevância na consolidação de uma Cultura política, promotora do exercício consciente da cidadania, sem esquecer as funções educativa e pedagógica, são assuntos analisados, teorizados e comprovados por insígnis historiadores, portugueses e estrangeiros, desde o século XIX.

No caso português, por exemplo, a construção da ideia de Nação, como hoje a entendemos, em muito se ficou a dever aos efeitos das Guerras Napoleónicas, à afirmação dos ideais liberais que se lhe seguiram e à escrita de Alexandre Herculano, ainda hoje referência primeira da historiografia (e na literatura) portuguesas contemporâneas.

Aceitando todas estas premissas - e não sendo este um texto de análise teórica sobre o assunto – apresentamos um levantamento crítico, ainda que de um modo e com espírito generalista, sobre os historiadores e a historiografia madeirense desde o início da década de Vinte do século XIX à década de Quarenta do século XX – até certo ponto colocando-a em paralelo à historiografia portuguesa – tendo como referências temporais as obras de João Pedro de Freitas Drumond, *Documentos históricos e geográficos sobre a Ilha da Madeira* [1821] e *O Arquipélago da Madeira na Legislação Portuguesa*, de Fernando Augusto da Silva (1941). Na seleção do *corpus*, apenas foram considerados autores naturais do espaço insular,

não obstante se saber que a historiografia sobre a Madeira, em particular ao longo do século XIX, muito ficou a dever a outros, a maior parte estrangeiros, em particular britânicos. Por outro lado, também condicionou a sua seleção a circunstância de, em simultâneo, alguns deles também terem enveredado pela literatura madeirense, em vários géneros, na prosa e na poesia.

Neste percurso, de 120 anos, não só fazemos referência àqueles que foram os principais promotores do estudo da História da Madeira (e da sua divulgação) - entre os quais destacamos, entre outros, para além dos já mencionados, Paulo Perestrelo da Câmara, Álvaro Rodrigues de Azevedo, António de Freitas e Abreu, J. Reis Gomes, Alfredo de Freitas Branco, Alberto Artur Sarmiento e Cabral do Nascimento – como também relacionamos a sua produção de carácter historiográfico com os momentos da vida política em que foi realizada, demonstrando neste processo a relação próxima entre tais textos e a existência de um sentimento comum, mais ou menos coordenado e partilhado, entre o escol insular, no sentido de fomentar – primeiro – uma tomada de consciência pública sobre a especificidade do Arquipélago no quadro nacional e – depois – através disso, demonstrar o carácter diverso das vias normativas e político-administrativas que se entendia que para aquele deviam estar reservadas.

Pretendemos, deste modo, não só referenciar historiadores e as suas produções textuais, assim como definir constantes e linhas de força, mas também relacioná-las com o devir da História da Madeira e com (as respostas que se exigiam para) os problemas dos seus tempos respectivos.

Bibliografia: __

Nota Curricular:

Paulo Miguel Rodrigues é professor Associado na Faculdade de Artes e Humanidades (FAH) da Universidade da Madeira (UMa), onde leciona desde Janeiro de 1995. Coordenador-científico do CIERL (Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais da UMa) de que foi fundador (2007). Investigador Integrado do Centro História, Territórios e Comunidades (U. Nova - FCSH) e colaborador no Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos (U. Coimbra). Foi Presidente da Faculdade de Artes e Humanidades, entre 2013 e 2016, e Director de vários cursos de Licenciatura, Mestrado e Doutoramento. É autor e editor de livros de História e Cultura contemporâneas, com particular incidência sobre a realidade madeirense, durante os séculos XIX e XX. É também autor de dezenas de artigos, em revistas académicas e de divulgação, obras colectivas, capítulos de livros e Actas de Congressos (nacionais e internacionais), nos quais aborda questões que abrangem a História Político-Institucional, as Relações Internacionais, a Autonomia e a Madeirensidade. O seu livro mais recente é o *Dicionário Breve da História da Autonomia da Madeira* (2021).

| |

Pedro MENESES

“Fundo e completo de uma só vez”: desejo e poesia em Herberto Helder

Resumo: A criação poética de Herberto Helder foi o resultado do movimento do desejo do corpo. Mesmo na velhice, continuava a ser importante tornar-se “unânime com o ar e o fogo”, apesar dos medos inerentes à vida prática, como os resultantes de “uma reforma de pilha-galinhas”. Visa-se compreender de que modo o desejo, sobretudo no último Herberto

Helder, resiste aos avanços da morte e de uma circunstância política cada vez mais violenta. Os últimos poemas continuam a ser uma combustão e clarificam ainda um real (as circunstâncias económicas e materiais menos abundantes ainda, com o risco de isto – Portugal – virar nazi, diz o poema “a última bilha de gás durou dois meses e três dias” de *A morte sem mestre*) cada vez mais estreito, a que se impôs politicamente um “preconceito termométrico” (vida reduzida ao mínimo, consistindo em apenas sobreviver). Escrever era o movimento de um desejo individual contrário ao sentido coletivo da produção e do negócio. Tratava-se de uma poesia feita de “roucas linhas”, do “abandono da voz grossa” (disse-o Georges Perec), de um silêncio mais íntimo que a própria voz interior. Ser literato implica abandonar a imposição de uma voz social e exterior, predatória e narcísica, ideia também desenvolvida por Pascal Quignard, nomeadamente em *Paradisíacas. Último Reino – IV*, obra com a qual se encetará um diálogo intertextual. Este desejo foi um ato afirmativo e político contra todos, livre da tutela de uma qualquer intenção humanista: “tanta gente bárbara / que torna mínimo qualquer poema”. Consentâneo com uma valorização da finitude, a poesia era tentativamente a coincidência com a intimidade, como um poema sobre a morte de Ramos Rosa, incluído nos *Poemas canhotos*, exemplifica. Na *Última ciência*, o vates considerava que “ninguém se aproxima de ninguém se não for num murmúrio”: só próximo do silêncio é possível o encontro íntimo, a coincidência com o anterior em sentido quignardiano, em que a literatura assume uma dimensão “gutural, impronunciável, taciturna” (*Les Paradisiaques*, capítulo XXVIII). Além disso, a leitura, que ressoa na garganta, consoma um outro encontro com o outro, uma fusão também amorosa, de confusão, de comunicação de um mundo interno a outro mundo interno.

Bibliografia:

- DIOGO, A. A. (1990), *Texto, metáfora. Metáfora do texto*, Coimbra: Almedina.
 HELDER, H. (1988), *Última ciência*, Lisboa: Assírio & Alvim.
 HELDER, H. (2014), *A morte sem mestre*, Porto: Porto Editora.
 LOPES, S. (2005), *A anomalia poética*, Viseu: Edições Vendaval.
 QUIGNARD, P. (2005), *Les Paradisiaques. Le Dernier Royaume – IV*, Paris: Grasset.

Nota Curricular:

Pedro Meneses é professor no Instituto Politécnico de Viana do Castelo e na Universidade do Minho, em cujo Centro de Estudos Humanísticos é investigador. Foi professor visitante, entre 2019 e 2022, na Universidad de los Andes (Bogotá). Publicou *Um valoroso lugar incerto. A cartografia do humano em Uma viagem à Índia de Gonçalo M. Tavares*. Tem-se dedicado ao estudo de vários autores de língua portuguesa, publicando com assiduidade em revistas da especialidade (como a *Colóquio/Letras*, a *Diacrítica*, entre outras). Traduziu *O que fizemos* da autora mexicana Tedi López Mills e prepara outras traduções de autores sul-americanos, além de estar a organizar um volume que reúne ensaios da autoria de Luís Mourão. Integra o projeto Luiz Pacheco Passeia por Todo o Papel (coordenado por Rui Sousa, CLEPUL) e está, no momento, a produzir um documentário sobre José Cardoso Pires (Alfabeto Padrão).

Raquel GONÇALVES

Herberto Helder: bicicletas e ilhas - geografias e mecanismo de uma construção poética

Resumo: O poema contínuo de Herberto Helder transporta uma referencialidade que parece apenas apontar para si próprio, já que a gramática herbertiana resulta no idioma particular que o poeta sempre reclamou e que opera essa espécie de encantamento da linguagem. Neste sistema, a poesia e a sua matéria conjugam-se aparentemente como que autónomas e livres de todas as referências, contaminações e percursos que estiveram na sua origem.

No entanto, um olhar mais próximo à prosa, enquanto matéria originária da poesia, “instância degradada do poema”, torna possível encontrar uma génese, vários ritmos, mecanismos e uma geografia que, em conjunto ou separadamente, constroem a genealogia da poesia de Herberto Helder.

A ilha como começo do mundo e da poesia, os mitos fundadores, as referências à infância e à particular geografia insular, o poder circulatório da água, correlato ao sangue, constituem algumas das linhas de força que constroem o “poema contínuo”. Até mesmo a circularidade infinita da poesia herbertiana transporta essa ideia de um objeto ou de um território finito na aparência, mas infinito na matéria, o que resulta na multiplicação de variações dentro de uma mesma construção e na exploração combinatória no interior das estruturas sintáticas de um poema que se estende e ramifica. Cito Herberto Helder: “O extremo poder dos símbolos reside em que eles, além de concentrarem maior energia que o espectáculo difuso do acontecimento real, possuem a força expansiva suficiente para captar tão vasto espaço da realidade que a significação a extrair deles ganha a riqueza múltipla e multiplicadora da ambiguidade” (HELDER, 2015: 53). Os símbolos, aqui entendidos como as palavras-matéria, têm maior poder e energia do que a realidade, são múltiplos, têm força multiplicadora e constroem ambiguidade. E, ainda assim, o que esta proposta de comunicação pretende explorar é o caminho percorrido entre a realidade geográfica e biográfica e a sua transformação em poesia na singularidade e ambiguidade do poema contínuo.

Desde *Photomaton & Vox*: “ao princípio era uma ilha. Em seguida o conhecimento de tudo”, até um dos últimos livros, *Servidões*: “Encontrava-me agora na ilha onde nascera; muitos anos de ausência seguida, e estava ali. Para morrer?”, proponho percorrer as geografias e mecanismos da particular construção poética de Herberto Helder, para chegar ao centro da poesia e da terra originária.

Bibliografia:

GONÇALVES, Raquel (2018), “Morrer para a frente” - Um infinito poético (leituras cruzadas entre Helder, Foucault e Blanchot), *Translocal. Culturas Contemporâneas Locais e Urbanas* [edição em linha], nº 2, Funchal: CIERL/UMa, CMF. Disponível em: translocal.funchal.pt/2-lugar-lugares-herberto-helder/ .

GONÇALVES, Raquel (2018), “Bicicletas, costuras e bibliotecas: Máquinas e maquinismos literários em Herberto Helder e Gonçalo M. Tavares”, comunicação apresentada no Colóquio *ReCodex: Formas e Transformações do Livro*, promovido pelo Programa de Doutoramento FCT em Materialidades da Literatura e pelo Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, 11.07.2018.

GONÇALVES, Raquel (2020), “(Re)Apresentação do Rosto ou a rasura da mão”, *MATLITAGENDA*, n.º 7 (jul), Coimbra: Doutoramento FCT em Materialidades da Literatura/CLP-UC, pp. 9-12.

GONÇALVES, Raquel (2021), “A voz na escrita ou “um belo ritmo alfa” – Os ‘casos’ de Herberto Helder e Gonçalo M. Tavares, *Vox Media. A Voz na Literatura*, Coimbra: CLP/UC. Disponível em: www.voxmedia.uc.pt/index.php/2021/02/09/a-voz-na-escrita-ou-um-belo-ritmo-alfa-por-raquel-goncalves-e-nsaio-convidado/

GONÇALVES, Raquel (2025, no prelo), “Leitores de Herberto: um diálogo em fast-foward - A súmula de Herberto Helder e a soma de Gonçalo M. Tavares”.

Nota Curricular:

Raquel Gonçalves é doutoranda em Materialidades da Literatura, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, com o projeto de tese, em fase final, *Possibilidades de Infinito – As Máquinas Literárias de Herberto Helder e Gonçalo M. Tavares*. Integra, como investigadora em formação, o Centro de Literatura Portuguesa (CLP) da Universidade de Coimbra, é membro da equipa do MatlitLab (FLUC) e investigadora do Projeto de investigação Dinâmicas do Hipercontemporâneo, do CLP. É licenciada pela Universidade da Madeira em Ciências da Cultura e tem um mestrado em Estudos Linguísticos e Culturais. Integrou a Comissão Científica do Colóquio Internacional "Para o leitor ler de/vagar". Herberto leitor, leitores de Helder, em Clermont-Ferrand, no qual participou com a comunicação “Leitores de Herberto: um diálogo em *fast-foward* - A súmula de Herberto Helder e a soma de Gonçalo M. Tavares. Fez parte da Comissão Organizadora do Congresso Internacional *Herberto Helder, a vida inteira para fundar um poema*, UMa - 2016. Editou, em 2018, com Daniel Oliveira e Diana Pimentel, o livro *Em Minúsculas*, com crónicas jornalísticas de Herberto Helder. Tem vários trabalhos publicados, nomeadamente sobre a obra de Herberto Helder, Gonçalo M. Tavares e Afonso Cruz.

||

Romeu CURTO

Os livros de Luzia: uma revisitação performativa da obra literária através da música

Resumo: A presente comunicação analisa o projeto interdisciplinar *Os Livros de Luzia: Visita ao Universo de Luzia através da Música*, promovido pela Associação Orquestra Clássica da Madeira (AOCM), em colaboração com o Ensemble Eça de Saias e o Teatro Bolo do Caco. O projeto, realizado com o apoio da Secretaria Regional da Economia, Turismo e Cultura – Direção Regional da Cultura, propõe a revisitação da obra literária de Luísa Susana Grande de Freitas Lomelino, conhecida como Luzia, por meio de recriações que combinam música, interpretação performativa e experiências multissensoriais.

Este estudo explora como as recriações contemporâneas articulam elementos musicais e literários para evocar a atmosfera cultural e histórica do tempo de Luzia, destacando a crítica social e a desconstrução de normas de género presentes na sua obra. Os espetáculos, realizados em espaços patrimoniais emblemáticos da Madeira, como a Quinta das Cruzes, integram excertos literários da autora e composições musicais historicamente situadas, interpretadas em instrumentos de época, como bandolim, flauta de bisel e guitarra clássica.

A análise também enfatiza o papel pedagógico e social do projeto, que promove o diálogo entre práticas artísticas tradicionais e contemporâneas, contribuindo para a emancipação cultural e para a visibilidade de autoras femininas no contexto madeirense. Por fim, a proposta sublinha o impacto das artes enquanto veículo de preservação da memória e de enriquecimento da identidade cultural madeirense, no contexto nacional e internacional.

Bibliografia:

- FREITAS LOMELINO, L. S. G. de (1922), *Rindo e Chorando*, Lisboa: Portugália
- FREITAS LOMELINO, L. S. G. de (2018 [1920]), *Os que se divertem (A Comédia da Vida)*, Funchal: Imprensa Académica.
- FREITAS LOMELINO, L. S. G. de (2022 [1936]), *Almas e Terras por onde eu passei*, Porto: Edições Esgotadas.
- FREITAS LOMELINO, L. S. G. de (1931), *Sobre a Vida... Sobre a Morte...*, s.l.: Lucas & Ca,
- OLIVEIRA, S. (2021), “Literatura e música: união indissolúvel”, *Revista Internacional em Língua Portuguesa*, n.º 37, Lisboa: AULP, pp. 93-114.
- XAVIER, M. (2022), *Luzia*, Funchal: Cadmus.

Nota Curricular:

Romeu Curto completou os seus estudos secundários na Escola Profissional de Artes da Covilhã e prosseguiu os seus estudos na Universidade de Aveiro, sob a orientação do Dr. Pedro Rodrigues, onde obteve a Licenciatura em 2018 e o Mestrado em Performance de Guitarra Clássica em 2021. Atualmente, é estudante de doutoramento em Currículo e Inovação Pedagógica na Universidade da Madeira, sob a supervisão do Prof. Dr. Nuno Fraga, centrando a sua investigação no desenvolvimento curricular e no ensino da música. Ao longo da sua carreira, Romeu foi distinguido com prémios em mais de dez competições nacionais e internacionais de guitarra, consolidando-se como um guitarrista clássico de destaque. É também fundador e membro ativo de vários agrupamentos musicais. A sua dedicação à educação musical levou-o a lecionar em diversas instituições, sendo atualmente docente no Conservatório de Música da Madeira (CEPAM). Os interesses de investigação e artísticos de Romeu incluem o estudo do repertório para vihuela e guitarra clássica, bem como temas mais amplos relacionados com a educação musical, o desenvolvimento curricular e a promoção da inclusão social através das artes.

| |

Rui Guilherme SILVA

Os arquipélagos da fortuna crítica e o caso de José Agostinho Baptista

Resumo: Situado no debate sobre o estatuto da literatura madeirense, gostaria de tentar perceber se o *corpus* fundamental da fortuna crítica de José Agostinho Baptista permite ou não distinguir diferentes “comunidades interpretativas” (FISH, 1980) a partir de um critério geográfico. Assim, proponho algumas asserções preliminares sobre os lugares do autor, da obra e do leitor para integrá-las depois 1) na discussão em torno do conceito de “literatura madeirense” e de alguns dos seus usos institucionais, académicos, editoriais ou políticos; bem como, em particular, 2) na consideração de uma “comunidade interpretativa” insular como critério (necessário e/ou suficiente) de legitimação da locução “literatura madeirense”. A teoria e a crítica regionais parecem abonar este exercício quando identificam neste arquipélago uma “«comunidade semiótica»” particular (FIGUEIREDO, 2008), atenta às vantagens de um enfoque nos “aspectos de natureza da circulação e da receção das obras” (ANTUNES, 2014) e à conseqüente afirmação de uma “«literatura local» legitimada, sobretudo, pela receção no lugar restrito da sua produção e divulgação” (MONIZ, 2017). O campo de verificação destas hipóteses será o da fortuna crítica de José Agostinho Baptista. Serão considerados, entre outros, os textos de António Ramos Rosa (1987, 1991) ou Fernando Pinto do Amaral (1991),

possíveis modelos de uma “comunidade interpretativa” para a qual “seria tentador mas primário analisar [e.g.] o tema do exílio em função da biografia do autor” (AMARAL); como os textos de Ana Isabel Moniz (2017) ou de Celina Martins (2019), nos quais a poesia de José Agostinho Baptista se revela “estruturadora de uma afirmação de uma identidade local” (MONIZ); como ainda os textos de Joaquim Manuel Magalhães (1989) ou de Diana Pimentel (1998), atentos “ao passado pessoal, à infância, à «ilha»” (MAGALHÃES) de José Agostinho Baptista, mas convictos de que a rememoração poética se traduz em “ocultação da origem da voz, do particular” (PIMENTEL). Anote-se, enfim, que o enviesamento próprio da “comunidade interpretativa” implicada neste exercício não deve embaraçar a sua presença no ameno colóquio que é sempre o das coisas da literatura.

Bibliografia:

AMARAL, Fernando Pinto do (1991), “José Agostinho Baptista: profecias debaixo do vulcão”, *O Mosaico Fluido. Modernidade e Pós-Modernidade na Poesia Portuguesa mais Recente*, Lisboa: Assírio & Alvim.

ANTUNES, Luísa Marinho (2014), “Literatura e literatos: questões e contornos da literatura produzida na Madeira e sobre a Madeira”, *Que Saber(es) para o Século XXI? História, Cultura e Ciência na Madeira*, org. José Eduardo Franco e Cristina Trindade, Lisboa: Esfera do Caos, pp. 403-412.

FIGUEIREDO, Fernando (2008), “Especificidade, Autonomia e Identidade Cultural: a Literatura no Arquipélago da Madeira”, *Da Galiza a Timor: a lusofonia em foco. Actas do VIII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*. Santiago de Compostela, 18-23 jul. 2005, Vol. I, eds. Carmen Villarino Pardo, Elias J. Torres Feijó e José Luís Rodrigues, Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, pp. 1487-1494.

FISH, Stanley (1980), “Is There a Text in This Class?”, *Is There a Text in This Class? The Authority of Interpretive Communities*, Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, pp. 303-321.

MAGALHÃES, Joaquim Manuel (1989), “José Agostinho Baptista”, *Um Pouco da Morte*, Lisboa: Presença, pp. 257-260.

MARTINS, Celina (2019), “Figurações da ilha da Madeira na poesia de José Agostinho Baptista”, *Pensardiverso*, n.º 7. Funchal: UMa-CIERL, pp. 73-90.

MONIZ, Ana Isabel (2017), “Literatura e insularidade – lugar e local, região e parcela: um exemplo”, *RUA-L. Revista da Universidade de Aveiro*, n.º 6, II.ª série, Aveiro: Universidade de Aveiro, pp. 51-61.

PIMENTEL, Diana (1998), “*Canções da Terra Distante*, de José Agostinho Baptista” [recensão crítica], *Colóquio/Letras*, n.º 147/148 (jan.), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 341-343.

ROSA, António Ramos (1987), “José Agostinho Baptista ou a transmutação do trágico”, *Incisões Oblíquas*, Lisboa: Caminho, pp. 163-166.

ROSA, António Ramos (1991), “José Agostinho Baptista e a radicalidade de separação ontológica”, *A Parede Azul. Estudos sobre Poesia e Artes Plásticas*, Lisboa: Caminho, pp. 115-118.

Nota Curricular:

Rui Guilherme Silva é licenciado em Estudos Portugueses (1997), mestre em Literaturas e Culturas Africanas e da Diáspora (2005) e doutorado em Literatura de Língua Portuguesa: Investigação e Ensino (2014) pela Universidade de Coimbra (UC). Docente do ensino básico e secundário e professor auxiliar convidado na Universidade da Madeira (UMa), onde tem lecionado disciplinas da área das Literaturas e das Culturas dos países de língua portuguesa. Membro efetivo do Centro de Literatura Portuguesa da UC e membro colaborador do Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais da UMa. Principais

publicações e comunicações no âmbito dos Estudos Cabo-Verdianos. Concluiu recentemente uma pós-graduação em Ciência Política e Relações Internacionais (UMA e Universidade Católica Portuguesa) e integra a Comissão Organizadora da II Conferência Internacional de Literatura Cabo Verdiana (Lisboa, NOVA FCSH, 3 a 5 de julho de 2025).

||

Sílvia GOMES

Contributo(s) de Alfredo Freitas Branco para uma História Literária da Madeira

Resumo: No contexto de uma reflexão sobre Literatura Madeirense pretende-se dar relevo a Alfredo de Freitas Branco (1890-1962), um autor madeirense do século XX, conhecido pelo título de Visconde do Porto da Cruz. De perfil multifacetado e profícuo promotor da cultura insular, revelou-se, por vezes, polémico, inconformista e inquieto, como sugerem textos coevos. Escritor prolífero, deixou um vasto legado literário, composto por uma obra variada, de diferentes registos genológicos, e de temáticas diversas.

Após uma breve apresentação biobibliográfica, propomos refletir sobre o contributo de AFB na elaboração de uma História Literária da Madeira, através de uma análise crítica da coletânea de três volumes, que publicou entre 1949 e 1953, intitulada *Notas & Comentários para a História Literária da Madeira*. Trata-se de uma obra que reúne biografias de escritores, jornalistas e músicos madeirenses, incluindo a sua autobiografia. Engloba também intelectuais de outras origens que, embora não tenham nascido na Madeira, estão de algum modo ligados ao movimento literário do arquipélago. Cada volume corresponde a um determinado período, que vai desde 1420 até 1952, sendo que o primeiro volume abrange o período compreendido de 1420 a 1820; o segundo de 1820 a 1910 e o terceiro de 1910 até 1952.

No prólogo do primeiro volume de *Notas & Comentários para a História Literária da Madeira*, o autor afirma a originalidade do seu estudo e defende um carácter pioneiro. Apesar da árdua tarefa de investigação e de recolha de elementos, ao longo de seis anos, para compor o trabalho que inicialmente tencionava denominar de “Escritores Madeirenses”, a publicação parece não ter alcançado a projeção almejada. Neste sentido, procuraremos, ainda, aferir e compreender por que motivo(s) esta criação literária não é reconhecida como uma fonte de consulta e de referência fundamental, na atualidade, a par de outras criações de autores madeirenses, contemporâneos de AFB, de que são exemplo *Musa Insular* (1959), de Luís Marino e *Registo Bio-bibliográfico de Madeirenses: Séculos XIX e XX* (1983), de Luís Peter Clode.

Por se considerar que estes volumes poderão constituir instrumentos de trabalho para a pesquisa de autores que marcaram, de alguma forma, o meio intelectual e cultural da Madeira, é nosso objetivo explorar e conhecer este trabalho do autor madeirense.

Bibliografia:

ANTUNES, Luísa Marinho (2014), “Literatura e literatos: questões e contornos da literatura produzida na Madeira e sobre a Madeira”, *Que Saber(es) para o Século XXI?*, org. José Eduardo Franco e Cristina Trindade, Lisboa: Esfera do Caos/APCA, pp. 403–412.

GOMES, Sílvia Gilberta (2013), *Memória e Promoção Cultural Madeirense na Obra do Visconde do Porto da Cruz*, Dissertação de Mestrado em Gestão Cultural, Funchal: UMA..

PORTO DA CRUZ, Visconde do [Alfredo de Freitas Branco] (1949), *Notas e Comentários para a História Literária da Madeira*, 3 vols., Funchal: Eco do Funchal e Câmara Municipal do Funchal.

SANTOS, Thierry Proença dos (2008), “Gerações, antologias e outras afinidades literárias: a construção de uma identidade cultural na Madeira”, *DEDALUS. Revista Portuguesa de Literatura Comparada*, n.º 11-12, Lisboa: APLC, pp. 559-582.

SILVA, Fernando Augusto da e MENESES, Carlos Azevedo de (1998), *Elucidário Madeirense*, Fac-Símile da edição de 1940-1946, 3 vols., Funchal: SRTC/DRAC.

Nota Curricular:

Sílvia Gomes é Doutorada em Literaturas e Culturas Insulares, mestre em Gestão Cultural e licenciada em Ciências da Cultura, pela Universidade da Madeira. Colaboradora no projeto de investigação Aprender Madeira (organizado pelo CLEPUL e pela APCA), na autoria de entradas enciclopédicas da obra *Madeira Global: Grande Dicionário Enciclopédico da Madeira*. Tem publicações diversas em revistas culturais, incidindo a investigação nos domínios da Literatura Portuguesa, Cultura e Estudos Insulares. É membro integrado do Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CEC-FLUL), do subgrupo de investigação “Viagem e Utopia”.

||

Sofia ANDRADE

O mel sem abelhas: testemunho avesso da história insular

Resumo: *O Mel sem Abelhas* foi a obra vencedora do Prémio Edmundo Bettencourt 2024, da autoria da escritora madeirense Judite Canha Fernandes.

Através das vicissitudes de Marta, trazida de África para a ilha da Madeira para ser escravizada e trabalhar na produção de mel-de-cana e na casa senhorial dos seus proprietários, a novela propõe uma revisão da história colonial da Madeira no século XVI. Nesta comunicação pretende-se analisar as estratégias formais e temáticas da reescrita da História.

A dupla condição de Marta, sendo escrava e mulher, é a pedra de toque para uma narração do avesso dos acontecimentos da crónica. Como escrava, Marta trabalha na plantação e no engenho do mel, desvelando as práticas e rotinas da escravatura, à medida que a barbárie da realidade é inscrita no seu corpo. Mas esta experiência é acompanhada pela aquisição de uma nova língua com a qual a personagem nomeia, e com um olhar contemporâneo, o seu dia-a-dia. A par do trabalho colectivo no campo, Marta também serve no espaço doméstico da casa colonial, privando com o círculo de amigas da sua proprietária. Neste lugar resguardado, a personagem vai identificar relações de poder semelhantes às que pautam o mundo exterior, mas que devido às constricções sociais e religiosas se sublimam numa tensão erótica entre as mulheres.

Se a observação e a experiência dos espaços coletivos e privados contribuem para uma consciência histórica da personagem, será a paisagem da ilha da Madeira a permitir a Marta a sua libertação. Contrariamente aos colonos que resistem às características geográficas da ilha impondo-se costumes europeus que contradizem a natureza em volta, Marta encontra na ilha um ambiente que a recorda das suas vivências africanas. A capacidade de Marta para interagir com a pulsação natural da ilha e interagir com o que esta lhe oferece, dá origem ao artifício da fuga, tornando a ilha um espaço intermédio e não uma clausura ou condenação.

O uso da primeira pessoa na narração dos eventos atribui o valor de testemunho ao texto, que, aliado à dupla condição de Marta, engendra uma reescrita ficcional da História do lado do avesso, ou “a contrapelo” (BENJAMIN, 1998).

Bibliografia:

- BENJAMIN, W. (2012), *Tesi di Filosofia della Storia*, Milano: Mimesis.
 BOURDIEU, P. (1998), *La Domination Masculine*, PARIS: Seuil.
 BROGGI, D. (2020), *Lo Spazio delle Donne*, Roma: Notte Tempo.
 CALDEIRA, A. M. (2024), *O Apelo da Liberdade*, Lisboa: Casa das Letras.
 CLÉMENT, G. (2009), *Manifeste du Tiers Paysage*, Paris: Éditions du Commun.
 FERNANDES, J. C. (2025, no prelo), *O Mel sem Abelhas*, Lisboa: Gradiva.
 SALGUEIRO, A. (2012), “Nacionalismos/regionalismos literários em sistemas literários nacionais/regionais. Revisitação de uma problemática em tempos de crise e de globalização”, *Newsletter CEHA*, n.º15, Funchal: CEHA, pp. 22-23.

Nota Curricular:

Sofia Andrade estudou na FLUL e trabalhou na Universidade de Pisa e RomaTRE. Actualmente ensina Língua e Literatura Portuguesa na Universidade de Génova, na licenciatura e no mestrado, e é colaboradora do CEComp e da Fundação Malatesta – Literatura Comparada. Dedicou-se ao romance de família nas obras de Fernanda Botelho e Alves Redol e ao género crónica em Agustina Bessa-Luís e David Mourão Ferreira. Venceu a Menção Honrosa do Prémio Agustina Bessa-Luís 2023 e publicou (com Carina Carmo, Filipa Perdigão e Rita Varela) a antologia de crónicas *Não Esquecerei o que Então Chamámos Esperança* em 2024. É tradutora do italiano para português.

||

Susana CALDEIRA

A obra literária de Eugénia Rego Pereira: entre género e identidade

Resumo: A questão de saber se existe uma "literatura madeirense" ou uma literatura de identidade insular é objeto de debate na esfera académica e cultural. Enquanto alguns defendem que a produção literária da Madeira se integra plenamente na literatura portuguesa, sem necessitar de uma categorização própria, outros argumentam que a experiência insular, com as suas especificidades geográficas, históricas e culturais, confere às obras produzidas no arquipélago uma identidade única, digna de estudo autónomo.

Este debate insere-se numa discussão mais ampla sobre a relação entre literatura e espaço que acreditamos vir a abordar-se no Colóquio que se aproxima. É inegável, no entanto, que muitos autores madeirenses revelam nas suas obras um diálogo implícito ou explícito com o universo insular. Este diálogo, quer através de temas ligados à paisagem, às tradições ou às experiências vividas na Madeira, quer pela forma como captam a essência das suas gentes, constitui um contributo significativo para a compreensão da identidade literária da região.

Neste contexto, propomo-nos explorar a produção literária de Eugénia Rego Pereira (1877-1947), destacando como a sua obra, enquanto expressão de uma autora madeirense, contribui para a reflexão sobre a existência de uma literatura insular com características próprias, espelhando também uma ambiência sociocultural do período em que viveu. A escolha desta autora deve-se ao facto de ter suscitado curiosidade por ser a única mulher presente na

distinta compilação de *Arquivos de Escritores e Investigadores Madeirenses* (TEIXEIRA e BARROS, 2016). Surge, desde logo, a questão de género: dar-se-ia voz e reconhecimento aos escritos femininos na Madeira em meados do século XX? Outro argumento pertinente: a autora é mencionada em vários escritos e compêndios, tendo até grande parte do seu espólio, depositado no Arquivo e Biblioteca da Madeira desde 2006, sido transcrito numa publicação da Imprensa Académica da Madeira (TRINDADE e PAOLINELLI, 2020). Contudo, não há registo de qualquer estudo aprofundado deste espólio que contém cadernos manuscritos com poesias e peças de teatro levadas a público no Teatro Municipal Baltazar Dias e que fizeram eco na imprensa regional – que também pretendemos analisar.

A importância do estudo deste e de outros acervos enfatizará a premência de elevar a literatura madeirense, como neste Colóquio se pretende.

Bibliografia:

MARINO, Luís (1959), *Musa Insular (Poetas da Madeira)*, Funchal: Editorial Eco do Funchal, Lda.

RITA, Annabela (2014), “Problematizações do cânone literário e a questão central da Cultura”, *Que Saber(es) para o Século XXI?*, coord. José Eduardo Franco e Cristina Trindade, Lisboa: Esfera do Caos, pp. 109-128.

RODRIGUES, Paulo Miguel (2010), “Da Insularidade: prolegómenos e contributo para o estudo dos paradigmas da Madeirensidade (1910-1926)”, *Anuário do Centro de Estudos de História do Atlântico*, n.º 2, dir. Alberto Vieira, Funchal:SREC/CEHA, pp. 210-228.

TEIXEIRA, Maria Mónica e BARROS, Fátima (2016), *Arquivo Histórico da Madeira – Arquivos de Escritores e Investigadores Madeirenses*, vol. XXIII, Funchal: SRETC/DRC/ARBPM.

TRINDADE, Cristina e PAOLINELLI, Luísa M. (org.), 2020, *Eugénia Rego Pereira*, Funchal: Imprensa Académica.

Nota Curricular:

Susana Caldeira é Mestre pela Universidade da Madeira em 2005, estudou Cultura e Literatura Anglo-Americanas e focou a sua pesquisa na emigração madeirense para o Hawai'i, fazendo uso do diálogo fértil entre múltiplas ciências como a História, a Sociologia, a Antropologia, a Etnografia, etc., para explorar temas como mobilidade, identidade, alteridade, preconceito, racialização, aculturação, entre outros. Os seus interesses focam-se, sobretudo, no âmbito da cultura e literatura insulares. Tem vários artigos publicados.. É docente em mobilidade/ investigadora no Centro de Estudos de História do Atlântico – Alberto Vieira, Direção Regional dos Arquivos, das Bibliotecas e do Livro.

||

Tiago CARVALHO

Para uma hermenêutica estética da paisagem em Raul Brandão e Miguel Torga: apontamentos insulares

Resumo: As viagens à Madeira de Raul Brandão (1924) e Miguel Torga (1980) pautam-se por reflexões críticas sobre o carácter da terra e dos madeirenses em geral. Estas reflexões continuam um percurso comum assinalável já noutras das suas obras. Nesses relatos, o povoamento, o relevo ou a flora insulares contribuem para a irradiação conjunta de uma aura

através de uma psicogeografia da realidade multimodal que adquire representação literária. Ambos os autores são precursores do que, em retrospectiva, poderemos atribuir hoje ao campo das humanidades ambientais, em que o objecto humano e cultural da representação literária é alargado e inscrito no contexto maior da natureza circundante. A paisagem insular, ao tornar-se temática, é pensada ora de forma positiva, de acordo com a densidade das respectivas características humanas e biogeográficas, ora de forma negativa, como reunindo qualidades estéticas por referência àquelas da terra continental.

O objectivo desta apresentação é duplo. Numa primeira parte, iremos, a partir do conceito de *atmosphäre* de Gernot Böhme (2017), expor as bases conceptuais dessa metodologia peripatética de imersão estética na paisagem adoptada por ambos os escritores. Os seus relatos não respeitam à consideração do pitoresco ou do belo natural assente em critérios puramente visuais, mas são uma forma multiestésica e crítica de interpretar a unidade humana e natural na época do seu devir histórico. A estética da paisagem presente nos relatos não se concretiza literariamente nem por importação de modelos provenientes da arte, nem devido à utilidade que a paisagem possa representar, mas na autoridade de um encontro.

Por outro lado, pretende-se sugerir como a singularidade geográfica do arquipélago da Madeira, enquanto ponto de passagem de vários viajantes nacionais e europeus, a torna especialmente propensa a representações literárias que versam sobre a realidade insular. A paisagem, no seu cariz multifacetado, até exótico, torna-se temática ora por se assemelhar, ora por diferir do chão de familiaridade dos seus visitantes. Ao mesmo tempo, é ela que permite a consciência das origens. Esta singularidade geográfica da paisagem insular, não obstante, é fonte de ambiguidade. Em ambos os relatos, devido à sua diferença, a paisagem do arquipélago da Madeira sobressai como tema literário, mas ela encerra também uma crítica social em particular à influência do turismo sobre a ilha e as gentes. A estética da paisagem não se esgota assim numa descrição, mas possui um conteúdo normativo.

Bibliografia:

- BÖHME, Gernot (2017), *Atmospheric Architectures: The Aesthetics of Felt Spaces*, London: Bloomsbury.
- BRANDÃO, Raúl (1990), *Os pescadores*, Porto: Porto Editora.
- BRANDÃO, Raúl (2011), *As ilhas desconhecidas: notas e paisagens*, Lisboa: Quetzal.
- CARVALHO, T.M. (2013), “A Paisagem no Diário de Miguel Torga”, *Philosophica: International Journal for the History of Philosophy*, n.º 42, Lisboa: CFUL, pp. 163-181.
- CLARK, T. The Cambridge (2011), *Introduction to Literature and the Environment*, Cambridge: Cambridge University Press.
- HEISE, U., CHRISTENSEN, J., & NIEMANN, M., eds. (2017), *The Routledge Companion to the Environmental Humanities*, 1st ed., London/New York: Routledge, 2017.
- Serrão, Adriana Veríssimo, *Filosofia da Paisagem: Uma Antologia*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.
- Torga, Miguel. *Diário XIII*. 1ª ed., Coimbra: Edição do Autor, 1983.

Nota Curricular:

Tiago Mesquita Carvalho é actualmente investigador no Instituto de Filosofia da FLUP com um projecto sobre catástrofes que explora a contingência da tecnologia. Integrou também o grupo de performance sonora *gmurda* em espaços abandonados no âmbito do programa de residências em meio rural com

apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e da DGArtes. Além da actividade académica, no campo literário, foi recentemente vencedor do Prémio Ferreira de Castro de Ficção Narrativa 2022 com o livro *Auto das Águas*. Em 2024 foi galardoado com uma bolsa de criação literária do Município do Funchal para elaboração do projecto «Saudades da Terra: um Diário».

||

Vítor Paulo TEIXEIRA

Luzia e Mansfield. A diarística e a epistolografia das *irmãs livres*

Resumo: Luzia, pseudónimo de Luísa Susana Grande de Freitas Lomelino (1875-1945), e Katherine Mansfield (1888-1923) são duas escritoras que refletiram uma profunda comunhão de espírito, estilo e humanidade. Eternas peregrinas, partilharam uma mesma nostalgia que as ligava à memória e às raízes, viveram o desejo contínuo de partir e de regressar, carregando consigo uma apurada sensibilidade para a condição humana, retratando a natureza e os desafios da existência. A perpétua saudade, sentida nas viagens de Luzia e Mansfield, moldou os textos e a sua visão de mundo.

Nesta comunicação, abordaremos os espólios diarísticos e epistolográficos destas mulheres escritoras, registos que nos permitirão encontrar as sementes da sua escrita e compreender as pontes que os unem aos seus legados literários. Exploraremos a forma como ambas transformaram a sua dor e solidão numa literatura universal brilhante, criando obras profundamente marcadas pelo apurado espírito crítico e pela ânsia de verdade. Este estudo comparativo procura encontrar, no espólio confessional legado, traços da génese da obra literária das autoras, mostrar as semelhanças na sua busca por novas soluções estéticas, e mostrar a sensibilidade e a autenticidade da sua escrita, que as consagrou na literatura como verdadeiras “irmãs” de letras.

Com uma escrita modernista, Luzia e Mansfield foram exímias nos diálogos da vida e na exploração do íntimo das suas personagens, um abraço permanente com as emoções humanas, expressas com uma originalidade luminosa, as estrelas refletidas pela sua pena vanguardista no papel. Nas suas histórias, o leitor encontra o reflexo das suas almas, ora resignadas, ora ardentes, mas sempre leais à busca incessante pela força e perfeição, numa prosa poética que elege a Natureza como um refúgio e uma metáfora da vida, enquanto a leitura e a escrita são o terreno onde se procura a libertação.

Luzia e Mansfield escreveram numa profunda dualidade, no universo cruzado da sua vida e obra, aliviaram o seu sofrimento no fôlego da leitura, transformaram a sua saudade em palavras, a sua dor em livros e a sua vida em literatura. A ânsia pela luz literária tornou-se um modo de estar no mundo, uma entrega absoluta ao seu talento, que recebiam como um dom divino. Almas gémeas na solidão da escrita, e no desejo pela verdade e perfeição, deixaram um legado literário, que ecoa como um testemunho transformador, uma força libertadora e um espírito inovador na arte de escrever.

Bibliografia:

BIGAZZI, Roberto (1996), *Le risorse del romanzo. Componenti di genere nella narrative moderna*, Pisa: Nistri-Lischi, La porta di Corno, collana di studi sulla narrativa.

CASTRO, Fernanda de (1987), *Ao Fim da Memória, Memórias (1939-1987)*, Lisboa: Editorial Verbo, 1987.

CONDE, José Martins dos Santos (1990), *Luzia, o Eça de Queiroz de Saias*, Portalegre: Edição de autor.

CURTO, Diogo Ramada (2023), *Um país em bicos dos pés. Escritores, artistas e movimentos culturais*. Coimbra: Edições 70.

JESUS, Sara Cristina Abreu de (2023), *Os registos diarísticos de Luzia - Entre tempos e espaços*, dissertação de mestrado, Funchal: Universidade da Madeira.

MANSFIELD, Katherine (s.d.), *Cartas de Katherine Mansfield*, Lisboa: Portugalia.

MANSFIELD, Katherine (1944), *Diário*. Porto: Livraria Tavares Martins.

NEVES, Cláudia Sofia Silva (2017), *O Reino Encantado de Luzia: A crónica da vivência e a eterna busca do «Eu»*, Lisboa: CLEPUL.

PAOLINELLI, Luísa Antunes, e TRINDADE, Ana Cristina (2024), *Adeus por Hoje... Cartas de Luzia para Fernanda de Castro e António Ferro*, Lisboa: Edições Colibri.

PAOLINELLI, Luísa Antunes (2022), "A modernidade de Luzia. A inquietação da Leitura e da Escrita", *Almas e terras por onde eu passei*, Viseu: Edições Esgotadas.

PAOLINELLI, Luisa Antunes e TRINDADE, Ana Cristina, *Diário de Luzia: Caminhos da Vida, Um Jornal*, Lisboa: Livros Horizonte.

SAGE, Lorna (2001), *Moments of Truth - Twelve Twentieth-Century Women Writers*, London: Fourth Estate.

Nota Curricular:

Vítor Paulo Freitas Teixeira é natural da Camacha, licenciado em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses (1999), mestre em Estudos Interculturais, variante de estudos Luso-Brasileiros (2010). Entre 2005-2012 foi músico e presidente da Banda Paroquial de São Lourenço da Camacha. Em 2020 publicou o livro de poesia *Perguntei na Biblioteca pelo Futuro*. Em 2023 iniciou o doutorando em Literaturas e Culturas Insulares e integrou o Pólo da UMa do CLEPUL. É investigador da ADEGI. É docente de Português, exercendo funções na Escola Básica e Secundária Bispo D. Manuel Ferreira Cabral, em Santana, desde 2001. Tem colaborado com o projeto Baú de Leitura com palestras de divulgação da vida e obra da escritora Luísa Grande - Luzia. Equiparação a bolsheiro da Secretaria Regional de Educação, Ciência e Tecnologia da Região Autónoma da Madeira nos anos letivos de 2023/2024 e 2024/2025

Oficina de Pesquisa e Planificação de Trabalho no Fundo Local do ABM

orientada pelos Serviços Educativos do ABM

05.04.2025

Esta oficina tem como objetivo capacitar os formandos (docentes, técnicos superiores, ...) para explorar e integrar o fundo local do ABM no desenvolvimento da sua atividade profissional, promovendo a valorização da história, literatura, cultura e identidade locais. Através de atividades práticas, os participantes aprenderão a utilizar as ferramentas de pesquisa bibliográfica, que permitirão o acesso aos documentos do fundo local, como base de criação de materiais pedagógicos e/ou de outro tipo de materiais orientados para a divulgação e o estudo do património literário da Madeira e do Porto Santo.

Informações Úteis:

Locais de Acolhimento

DIREÇÃO REGIONAL DOS ARQUIVOS DAS BIBLIOTECAS E DO LIVRO

Morada: Caminho dos Álamos, n.º 35, Santo António, 9020-064 Funchal

Email: drabl@madeira.gov.pt

Telef. geral: (351) 291 145 310

abm.madeira.gov.pt

TEATRO MUNICIPAL DE BALTAZAR DIAS

Morada: Avenida Arriaga, 9000-060 Funchal

Email: teatro.baltazardias@funchal.pt

Telef. Geral: (351) 291 211 000

teatrobaltazardias.funchal.pt/

Outros Contactos

Hospital Dr. Nélio Mendonça (Funchal)

Telef.: (351) 291 705 600

Polícia de Segurança Pública (Comando Regional)

Telef.: (351) 291 208 400

Número de Emergência

Telef.: (351) 112



28 março — 6 abril

51^a

feira do
livro

funchal.pt

TMBD
TEATRO MUNICIPAL
BALTAZAR DIAS

COLÓQUIOS
Literatura Madeirense



Região Autónoma
da Madeira
Governo Regional

Secretaria Regional
de Economia, Turismo e Cultura
Direção Regional dos
Arquivos, das Bibliotecas e do Livro


